



Raquel Martins Fernandes | Leyze Grecco | Vanessa Costa Gonçalves Silva
Maria Geni Pereira Bilio | Rodrigo Ribeiro de Oliveira | Sueli Soares dos Santos Batista
(Organizadores)

BULLYING

CAMINHOS PARA O COMBATE

VOLUME 3



Raquel Martins Fernandes | Leyze Grecco | Vanessa Costa Gonçalves Silva
Maria Geni Pereira Bilio | Rodrigo Ribeiro de Oliveira | Sueli Soares dos Santos Batista
(Organizadores)

BULLYING

CAMINHOS PARA O COMBATE

VOLUME 3

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Bullying: caminhos para o combate - Volume 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Veralucia Guimaraes de Souza
 Sueli Soares dos Santos Batista
 Silbene Rosa Paoliello
Organizadores: Raquel Martins Fernandes
 Leyze Grecco
 Vanessa Costa Gonçalves Silva
 Maria Geni Pereira Bilio
 Rodrigo Ribeiro de Oliveira
 Sueli Soares dos Santos Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
B938	<p>Bullying: caminhos para o combate - Volume 3 / Organizadoras Raquel Martins Fernandes, Leyze Grecco, Vanessa Costa Gonçalves Silva, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Outros organizadores Maria Geni Pereira Bilio Rodrigo Ribeiro de Oliveira Sueli Soares dos Santos Batista</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0878-9 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.789222511</p> <p>1. Assédio. 2. Agressividade (Psicologia). I. Fernandes, Raquel Martins (Organizadora). II. Grecco, Leyze (Organizadora). III. Silva, Vanessa Costa Gonçalves (Organizadora). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 302.3</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

PREFÁCIO

Bullying: história, pensamento científico e direitos humanos

Luiz Roberto Alves ¹

Tenho o prazer de escrever este prefácio, sabedor da condição espinhosa do tema e de suas faces às vezes obscuras; por isso a exigir enfrentamento científico, educacional e político.

Postas em dúvida todas as análises culturalistas que alcunharam brasileiros e brasileiras como solidários, cordiais, generosos, compassivos etc., o estudo do **bullying** e seu enquadramento no rol internacional da negação dos direitos humanos fica aberta e promissora. Confusões psicossociais que apontam simples desvios, escorregadas do discurso, infantilidade, gênio extrovertido e gozação, tudo isso deve ser passado a limpo na pós-cordialidade brasileira. Mas nunca sem uma atitude científica, caminho único para a verdade. E mesmo porque Sérgio Buarque de Holanda, analista do brasileiro cordial, nunca escreveu que o cordial é o bom, o amigão, o superlegal.

É necessária a precaução científica. Não se deve considerar a gente deste país, ou boa parte dela, como um grupo da morte sob o tacão de algum Jim Jones ou da generalização do fascismo. Somos, sim, um povo que se revela e se expõe – mais do que antes - na modernidade tecno-científica, pois em boa medida assumimos e incorporamos as tramas e armações do capitalismo comunicacional bafejado de religiosidade falsamente messiânica e certo hedonismo dirigido ao comércio. Serão necessárias gerações de educadores, pais e políticos de alta qualidade para a superação da grande armação. E muita ciência para o direcionamento do grande trabalho. Enquanto a citada armação (para usar um termo trabalhado por Muniz Sodré, UFRJ) submete milhões e talvez bilhões ao jogo das grandes empresas comerciais do mundo cibernético. também comercializa a política, as atitudes violentas, os dados das plataformas, as compras de objetos, as relações de poder e todos os discursos das redes. Destarte, altera os discursos nas relações de proximidade: famílias, amigos, colegas, pares e próximos. As relações de jugo político e comunicacional internacionalmente conduzidas se realizam também na proximidade dos corpos e das falas. O outro se torna coisa, é reificado. Nas páginas da obra prefaciada temos indicações seguras, certamente noutra linguagem, que nos remetem a pensar o tempo presente sem nos esquecermos da nossa história e termos os olhos nos direitos humanos postos em xeque. Noutras palavras, criar outros olhares que não o das coisas, ou da desumanização.

Deste modo, é pouco dizer que a origem do lexema *bullying* (já assumido pela

¹ Professor-pesquisador sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Membro da Cátedra Alfredo Bosi para a Educação Básica do Instituto de Estudos Avançados da USP. Professor da Educação Básica em SP por 23 anos. Publicou vários livros que trataram de educação, cultura e comunicação.

Academia Brasileira de Letras) tem a ver com os valentões, pois tem a ver também com os covardes e débeis. Não é inadequado associá-lo à desproporção de poder na relação entre pessoas e à reiteração discursiva e gestual “gratuita”. Mas não é tudo, especialmente se retiramos os autores e autoras de bullying do panorama técnico-científico que domina as relações sociais, comerciais e políticas do planeta. Se ficarmos ao rés do chão em nossa análise iremos bem perto. Entenda-se que a compra de vestidos, bonés e celulares se inscreve em relações desamorosas de poder, de posse, de ganho, de comércio de objetos e de falas. Trata-se de um movimento sociopsicológico que exige ainda muito trabalho e que afundou em nossa alma e, nesse sentido, também está a exigir gerações de muita educação, muito estudo, muito equilíbrio social para se desenraizar dos nossos corpos invadidos. Especialmente são exigidas experiências empíricas e dinâmicas de grupo nas quais se reconheça o outro, a outra por ângulos ainda não vistos (que passam despercebidos de muitos professores e professoras); deste modo, se a instituição educacional é e será indispensável para a experiência da humanização, tem ela muitas vezes contribuído, por ignorância, medo ou omissão, à consecução da desumanidade.

Cabe à ciência explicar, esclarecer, demonstrar fenômenos. E aqui está o valor destes livros eletrônicos organizados por colegas de instituições educacionais públicas do Brasil. A eles e elas meu pleito de gratidão e de estímulo pelo que estão a fazer. Os e as colegas oferecem algum diapasão científico para o grande trabalho que avançará no desenraizamento dos frutos daninhos de tecnologias que se afastaram da ciência e, por consequência, ganharam consistência na anomia, na inércia e na imoralidade de instituições públicas, seus governos e mesmo dos próprios Estados e seu arcabouço de legalidade “prá inglês ver”. A rigor, tais autoridades públicas desarmaram os valores da cultura, da ética, da decência pública e fincaram pés em relações sociais que promovem a desconfiança, o primado da posse, o desvalor da dúvida e da curiosidade (base da ciência) e, de resto, estimularam o ato de ganhar, de vencer a qualquer custo. Uma criança escolar educada pela boa ciência realizada em linguagem comunicacional não debochará do “diferente”, seja pela cor, por sinal de enfermidade, pela altura ou sinais de nascença. A nova biologia e a nova química dão as mãos à ética e à estética; destarte, são capazes da melhor educação em mãos de professores e professoras capacitadas.

Cabe destacar no presente livro eletrônico que colegas e estudantes das instituições públicas do Brasil já laboram no campo da prática. Sua ação vai dos grupos de pesquisa a atividades comunitárias competentes para superar violências e indicar modos e processos inovadores para a superação de males sociais e comunitários, entre os quais o bullying se insere. Cabe, pois, alguma revolução na compreensão dos currículos de estudos e experiências escolares, que jamais poderiam ser vistos como um alinhamento de “conteúdos” e “disciplinas”. Currículo é um processo de tomada de decisões da instituição escolar que leve à harmonia da gestão, da orientação educacional, do trabalho em sala de

aula e das experiências externas em ciências da natureza, ciências humanas e sociais, matemática, arte, linguagem. Evidentemente, todas as ciências e as artes relacionadas, transversalizadas.

Cabe, de todo modo, para manter o pensamento científico deste prefácio-reflexão, que também é o dos colegas-escritores desta obra, levantarmos a hipótese de que o bullying sempre existiu, ou há muito tempo. Sim, mas o messianismo e o sebastianismo também são velhíssimos e o liberalismo capitalista tem quase dois séculos nas terras do Brasil. E cada povo precisa dar respostas aos males da intimidação, da violência segundo sua inteligência, isto é, com um olho no mundo e outro na concretude de sua realidade.

Nossos males têm história. Essas marcas apontadas acima foram atualizadas na história contemporânea. E as modernidades brasileiras também. Este país meteu-se a moderno (e fez milhares de discursos de modernidade) desde 1808 com a chegada do Rei fugido de Napoleão. Tudo se modernizou, mas para poucas e privilegiadas pessoas. As massas humanas foram postas à margem e no meio delas toda sorte de cizânia, mentira, desinformação. Por exemplo, o simbólico século XIX. Educação democrática proclamada aos quatro ventos, mas negada. E na suposta Proclamação da República o povo ficou intrigado com as cavalarias e as brigadas armadas, pois nada sabia do que estava a acontecer. Seria um desfile ou uma revolução?

Tudo um jogo de poder, desinformação, blague, apagamento de memórias. Um povo roubado, ora invisível, ora massa de manobra. Assim continuamos a fazer modernidades, quer em 1937, 1955 e mesmo 1985. Sempre defeituosas. Tratou-se de mudar bastante para deixar do mesmo modo de antes. Dentro desse horror histórico teriam de nascer os “jeitinhos brasileiros”, face amena e caricaturesca dos grandes males da do mandonismo na história do país. Quando Oswald de Andrade mostra em seu Manifesto Antropófago, 1928, que a Proclamação da República ainda estava por ser feita, ele interpretava uma voz entupida na garganta das gentes da terra. Essa gente sofreu inúmeros bullyngs, perfeitamente dentro da definição: relações de poder desproporcionais e açulamento de atitudes repetitivas, mentirosas e desairosas.

Para não assumir uma postura do fado e do destino, isto é, tudo sempre existiu, e para escapar da autoajuda, ou seja, tudo tem a ver com relações pessoais, cabe dispor o importante tema do bullying nos estudos históricos, nas práticas analisadas pela sociologia, nos debates políticos desde o império, nas violências perpetradas contra negros, indígenas, ciganos, pobres, migrantes, certos grupos de imigrantes e periféricos às cidades. Os brancos valentões não tiveram qualquer dó e muito menos solidariedade diante desses povos. Temos longa história do deboche, da intimidação, da negação do outro e da outra, dos diferentes. Nossas elites foram cruéis e ensinaram crueldade.

São todas essas marcas que se espalham nos atos desamorosos, nada cordiais, violentos, especialmente quando a cor branca, a cor da posse e do poder, dispõe no meio

do caminho seu diferencial, seu valor instituído desde a Colônia. É admissível que brancos sofram bullying, pois as classes também lutam no terreno das relações pessoais e sociais, mas sem um painel histórico do seu papel superior a análise ficará prejudicada.

A obra aqui disposta vê tal violência contra o outro, a outra, por falas e gestos, sob distintos ângulos: a legislação, a historicidade do conceito, os dados plurais disponíveis, a política dos direitos humanos, a cultura da paz, a condição da juventude. Tal interdisciplinaridade analítica é e será sempre indispensável, pois as ações das gerações também serão representadas pela multiplicidade de pessoas e de abordagens. Que se realize o trabalho científico, educacional e político sempre por via da pluralidade, embora nunca pelo caos ou pelo vale-tudo. De fato, um dos caminhos mais deletérios da relação social é o do vale-tudo, pois nele a ética permanece moribunda. No vale-tudo nada vale. O bullying também é da natureza do vale-nada e da ignorância de qualquer ato ético.

Do mesmo modo como as gentes brasileiras conforme aqui listadas foram objeto do vale-tudo do poder discricionário, o bullying contemporâneo se realiza sob a força das tramas “modernosas” das tecnologias a serviço do vale-tudo. Em boa medida, permanecemos às margens dos direitos humanos fundamentais.

Por via da cultura, da estética, da ética, da ciência, da educação e da política teremos de pensar o todo e as partes, melhor, a totalidade onde nos cabe agir. São necessários, pois, e com urgência, os melhores métodos de pesquisa, o estímulo ético, a força das culturas populares (como propunha Celso Furtado) e o melhor do nosso amor e do nosso respeito à diversidade cultural para que demos avanços significativos para superar esse painel de reiteradas violências. Se suas origens estão na história, esta é (como repetiu inúmeras vezes Paulo Freire) *possibilidade*. Faremos a possibilidade. O bullying não é intrínseco ao nosso nascimento como ser da vida no mundo. Não terá de nos dominar.

Portanto, às leituras e trabalhos, sob a âncora da ciência e dos direitos humanos.

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) *campus* Cuiabá Bela Vista (GPHSC - IFMT), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2008, apresenta seu terceiro volume da coletânea *Bullying: caminhos para o combate*. Os pesquisadores do grupo vêm desenvolvendo suas pesquisas sobre a temática *Bullying e Violação de Direitos Humanos* desde 2016.

Foi publicado, em 2020, um conjunto de artigos no formato e-book intitulada *Bullying: Caminhos Para o Combate*, trazendo conceitos básicos sobre a temática e resultados de pesquisa; e inaugurando o primeiro volume do GPHSC-IFMT sobre a temática. No e-book 1, foi salientado que nem toda violência escolar é considerada *bullying*, porém, todo *bullying* é uma forma de violência. O *bullying* se diferencia por suas características peculiares, por sua repetição, intencionalidade, por não ter motivação aparente e por haver promover um desequilíbrio de poder entre os pares, pois, normalmente, a vítima não tem condições para se defender. Além da conceituação geral do fenômeno e das formas de ações de combate e prevenção, o e-book 1 traz também os resultados das pesquisas realizadas pelo GPHSC - IFMT em diversas escolas das redes estadual e federal.

Em 2021, o e-book 2, *Bullying: caminhos para o combate*, apresentou uma proposta interdisciplinar, ao considerar os diversos saberes que se unem para construir discussões socioculturais sobre a incidência do *bullying* em diversos locais do estado de Mato Grosso, e também em Minas Gerais e na Paraíba, locais onde a pesquisa do GPHSC - IFMT se desenvolveu e fomentou reflexões para enfrentamento às situações de violações de direitos humanos no contexto escolar, pautadas na perspectiva do protagonismo juvenil. O e-book 2 foi dividido em duas partes, na segunda parte apresenta a relação do fenômeno *bullying* com as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) e o conseqüente *cyberbullying* e as formas de combatê-lo.

As edições anteriores dos e-books do GPHSC - IFMT apresentam os resultados da pesquisa em andamento desde 2016, como título: “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying* no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 60165016.0.0000.5165). O grupo de pesquisadores compreende a importância de divulgar os resultados desta pesquisa à toda comunidade escolar e, também, a necessidade de ações para o combate e amenização do problema que atinge nossas escolas. Neste sentido, o GPHSC - IFMT desenvolveu, a partir de 2019, o aplicativo para celular - App Viva Feliz, *bullying* não, que combate ao *bullying* visando conscientizar e ajudar pessoas, e foi uma sugestão e construção dos estudantes participantes da pesquisa.

Frente ao desafio de desmistificar os caminhos para o combate ao *bullying*, essa coletânea *Bullying: caminhos para o combate* apresenta os anseios de diversos pesquisadores em colaborar para a formação de uma educação pautada na garantia dos direitos humanos na perspectiva de formar uma escola mais humanizada, potencializadora da diversidade de cada um em um ambiente de cultura de paz.

Na presente publicação, discute-se o tema sob o viés propositivo de combate ao *bullying*, com discussões e relatos de experiências que objetivam fomentar a aplicação, em instituições educacionais, de programas de cultura de paz. Este e-book é um dos resultados esperados na pesquisa realizada no projeto “*Bullying e Direitos Humanos nas escolas municipais, estaduais e federais*” que recebeu fomento pelo Edital n.º 45/2019 do Programa de Pesquisa Aplicada e Bolsas de Iniciação Científica, Livre Concorrência, do IFMT. Propor os diálogos sobre a temática *bullying* e violência escolar pode promover a formação de estudantes para que não naturalizem ou banalizem os atos de violências e desrespeitos. Frente a esses desafios é que se propõe trazer diálogos e reflexões acerca deste objeto de estudo. Neste e-book, apresentamos várias ações desenvolvidas pelo GPHSC-IFMT, dentre elas o App e atividades de ensino-pesquisa e extensão.

Consideramos ser necessária a prevenção e não apenas a intervenção. Logo, a Lei n.º 13.663/2018, que tem como princípio a promoção da cultura de paz nas escolas e a obrigatoriedade de medidas preventivas e de sensibilização referente a diversos tipos de violência, inclusive o *bullying*, nos leva a buscar estratégias para influenciar os gestores e demais educadores a pensar em propostas, projetos e programas de combate à violência escolar.

Agradecemos à estudante do Ensino Médio: Millena do Prado Vitoriano de Deus por gentilmente ter cedido a ilustração para capa do presente e-book, ilustração elaborada para a divulgação do Festival de Vídeo Curta-Metragem do IFMT *campus* Cuiabá Bela Vista - VCURTABLV, cujo tema foi *Bullying: caminhos para o combate*. Ilustração que também é utilizada em nossas redes sociais e App.

Desejamos uma boa leitura!

Encontramo-nos à disposição para demais interlocuções em diferentes níveis de ensino, pesquisa e extensão.

Líderes e demais integrantes do GPHSC - IFMT
Redes Sociais: *Instagram @vivafelizbullyingnao_*
Página no Facebook: *GPHSC - IFMT Bela Vista*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	2
VIOLÊNCIA ESCOLAR	
Degmar Francisca dos Anjos Washington da Silva Carvalho	
doi https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225111	
CAPÍTULO 2	13
DIREITOS HUMANOS E <i>BULLYING</i> : O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO E A UNESCO	
Leyze Grecco Maria Geni Pereira Bilio Rodrigo Ribeiro de Oliveira	
doi https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225112	
CAPÍTULO 3	19
JUVENTUDES: POR UM PROTAGONISMO JUVENIL NA CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA	
Sueli Soares dos Santos Batista Rodrigo Ribeiro de Oliveira	
doi https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225113	
CAPÍTULO 4	29
CULTURA DE PAZ: RELATO DAS EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES	
Vanessa Costa Gonçalves Silva Carla Silbene Oliveira de Paula Schneiders Raquel Martins Fernandes Paulo Alves de Oliveira Ramon Martins Fernandes	
doi https://doi.org/10.22533/at.ed.7892225114	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	56
SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES	60

INTRODUÇÃO

Este e-book é uma proposta do GPHSC - IFMT de continuidade das edições anteriores, no entanto, o objetivo deste texto específico é levar ao leitor, seja educador, estudante, família ou alguém que componha o coletivo, que lute pelo fim da violência escolar, que reflita sobre a situação que vivenciamos e que ainda pense em propostas conjuntas de como desenvolver uma cultura de paz. O e-book 3 está dividido em quatro capítulos:

O **primeiro capítulo**, intitulado *Violência Escolar*, apresenta resultados parciais de pesquisas realizadas entre dezembro de 2008 a agosto de 2020 com textos do gênero “notícia” de acesso livre e gratuito vinculados aos Institutos Federais - IF's, onde a violência aparece estampada nos jornais e/ou nos discursos locais.

Para compreender melhor a dinâmica escolar quanto a esse tema, discorreremos no capítulo seguinte sobre os Direitos Humanos. O **segundo capítulo** recebeu o título de *Direitos Humanos e Bullying*: o que diz a legislação e a UNESCO. Este capítulo destaca o *bullying* que se classifica como um tipo de violência que atinge a pessoa tanto de forma física como psicológica. O objetivo do capítulo é contribuir para despertar nas pessoas a vontade de conhecer seus direitos como ser humano e usufruir dos mesmos.

O próximo capítulo trata da questão do jovem portador de direitos e deveres sociais. O **terceiro capítulo intitulado** *Juventudes*: por um protagonismo juvenil na construção pedagógica, retrata o panorama das metas do Plano Nacional da Educação 2014-2024 que faz referências à universalização do Ensino Médio, à educação profissional nas modalidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à Educação Profissional que se articula com o capítulo a seguir composto pelos relatos de experiências do IFMT referente aos Direitos Humanos.

Cultura da Paz: relato das experiências e reflexões é o título do quarto e último capítulo, o qual traz um panorama dos últimos seis anos em que o GPHSC - IFMT vem estabelecendo o tripé entre as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão a partir de demandas localizadas no IFMT, em outras escolas e localidades do Brasil, em relação aos Direitos Humanos e à violência escolar. As experiências realizadas são apresentadas como uma forma de sugestão, reflexão e debate sobre as possibilidades de pensar o problema da violência escolar a partir do protagonismo jovem.

CAPÍTULO 1

VIOLÊNCIA ESCOLAR

Degmar Francisca dos Anjos

<http://lattes.cnpq.br/0538812567788479>
<https://orcid.org/0000-0003-1634-6367>

Washington da Silva Carvalho

<http://lattes.cnpq.br/5480012614152164>
<https://orcid.org/0000-0003-3299-2596>

Para mostrar a importância de nos unirmos enquanto educadores, para propor programas de combate à violência nas escolas, vamos apresentar alguns resultados das pesquisas realizadas, em que a violência aparece estampada nos jornais.

A dissertação: **Violência Escolar e Institutos Federais em Pauta: Um Olhar Sobre o Fenômeno a partir da Cobertura Jornalística** apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), ofertado pelo *campus* João Pessoa do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e orientada pelo professor Dr Degmar Francisca dos Anjos, analisa o problema da violência escolar a partir das reportagens sobre o tema. Apresentamos aqui parte desses resultados.

O *corpus* documental da pesquisa foi constituído por notícias provenientes de sites e portais jornalísticos. O levantamento do material

foi realizado por meio da ferramenta de buscas on-line “Google”. A escolha dessa ferramenta se deu pelo seu amplo uso na internet e por possuir um recurso específico de busca por notícias, o “Google Notícias”.

Antes de iniciar as buscas, foram definidos os critérios de inclusão e exclusão das notícias. Neste estudo, foram incluídos textos do gênero “notícia”, de acesso livre e gratuito, publicados na mídia online (sites e portais jornalísticos) entre dezembro de 2008 e agosto de 2020, que abordavam casos de violência escolar vinculados aos IF’s. Foram desconsiderados os textos que não atenderam a um ou mais dos critérios de inclusão citados. As notícias foram selecionadas por conveniência e acessibilidade, sendo uma amostra não-probabilística.

Durante o mês de setembro de 2020, foram realizadas 20 (vinte) buscas por notícias através da internet. Para evitar que os resultados fossem influenciados pelo uso prévio do computador, todo o histórico de navegação foi excluído antes das buscas, que aconteceram com o navegador no modo anônimo. Também ficou definido que em cada busca seriam avaliados, no máximo, os 50 (cinquenta) primeiros resultados obtidos.

Nas buscas efetuadas, o termo “Instituto Federal” foi associado à uma palavra-chave relacionada ao universo da violência, a saber: ameaça, agressão, arma, assalto, assédio,

atentado, *bullying*, crime, *cyberbullying*, depredação, discriminação, exclusão, homicídio, homofobia, preconceito, racismo, roubo, trote, vandalismo e violência. As notícias sobre violência que faziam menção a algum Instituto Federal, seja no título ou no corpo do texto, tiveram parte de seus dados (título, link e fonte) lançados em uma planilha para posterior avaliação.

Concluída a etapa de buscas on-line, foram pré-selecionadas 62 (sessenta e duas) notícias. Cada notícia foi avaliada, a fim de verificar o atendimento aos critérios de inclusão. Realizada a avaliação, foi verificado que todas as notícias pré-selecionadas atenderam integralmente aos critérios de inclusão pré-definidos. A relação das notícias que compõem o *corpus* da pesquisa encontra-se no Apêndice A.

1 | CARACTERIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS SELECIONADAS

Embora a pesquisa tenha abarcado o universo de notícias publicadas na mídia online (sites e portais) a partir da data de criação dos IF's (29 de dezembro de 2008), os textos jornalísticos mais antigos sobre o tema deste estudo encontrados através do site de buscas Google datam do ano de 2013. A maioria das 62 (sessenta e duas) notícias selecionadas foram publicadas após 2017.

Ano	N	*
2013	3	4,83
2014	1	1,61
2015	2	3,22
2016	7	11,29
2017	9	14,51
2018	10	16,12
2019	25	40,32
2020	5	8,06
Total	62	100,0

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 1: Número de Notícias por Ano

Fonte: os autores, 2021.

Na Tabela 1, é possível observar uma queda no número de notícias referentes ao ano de 2020, quando comparado ao ano anterior. Dois fatores influenciam para esse quadro: a pandemia da Covid-19, que ocasionou o fechamento de várias instituições de

ensino no país, e a coleta de dados para a pesquisa, que foi iniciada e finalizada no mês de agosto de 2020. Não foram consideradas neste estudo, portanto, notícias sobre o tema publicadas nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2020.

Em relação às fontes das notícias selecionadas, dada à capilaridade dos IF's em todo o território brasileiro, optou-se por não definir, *a priori*, os sites e portais jornalísticos do material a ser coletado, o que permitiu incluir no estudo notícias de 32 (trinta e duas) fontes distintas. O portal G1, vinculado às Organizações Globo, é o que possui o maior número de notícias selecionadas, com 27 (vinte e sete), o que corresponde a mais de 40% do total. A Tabela 2 explora o número de notícias por fonte coletada na pesquisa.

Site/Portal	N	%*
G1	27	43,54
Gaúcha ZH	2	3,22
Terra	2	3,22
Veja	2	3,22
TNH1	2	3,22
Outros	27	43,54
Total	62	100,0

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 2: Número de Notícias por Fonte

Fonte: os autores, 2021.

Durante a etapa de avaliação do material coletado, foram encontradas notícias sobre violência escolar relacionadas aos 38 (trinta e oito) IF's existentes no país. O número de notícias por IF segue a seguinte distribuição: 23 (vinte e três) IF's com 1 (uma) notícia cada, 11 (onze) IF's com 2 (duas) notícias cada, 2 (dois) IF's com 3 (três) notícias cada, 1 (um) IF com 5 (cinco) notícias e 1 (um) IF com 6 (seis) notícias. A Tabela 3 demonstrará o número de notícias distribuídas entre os IF's e a Tabela 4 por regiões que se propuseram participar do estudo.

IF	N	%*
IFAL	6	9,67
IFMT	5	8,06
IFF	3	4,83
IFSP	3	4,83
IFAC	2	3,22
IFAM	2	3,22
IFC	2	3,22
IFES	2	3,22
IFMS	2	3,22
IFPB	2	3,22
IFPI	2	3,22
IFRJ	2	3,22
IFRS	2	3,22
IFTM	2	3,22
IFTO	2	3,22
Outros	23	37,09
Total	62	100,0

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 3: Número de Notícias por IF's

Fonte: Carvalho, 2021.

Sobre a distribuição das notícias analisadas por região, 18 (dezoito) são de IF's situados na Região Nordeste, 16 (dezesesseis) de IF's da Região Sudeste, 10 (dez) de IF's da Região Norte, 10 (dez) de IF's da Região Centro-Oeste e 08 (oito) de IF's da Região Sul.

Região	N	%*
Norte	10	16,12
Nordeste	18	29,03
Centro-Oeste	10	16,12
Sudeste	16	25,80
Sul	8	12,90
Total	62	100,0

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 4: Número de Notícias por Região

Fonte: os autores, 2021.

2 | ANÁLISE DAS NOTÍCIAS

Após a primeira leitura flutuante e seleção das notícias que compuseram o *corpus* deste estudo, teve início o processo de definição das categorias de análise. A formulação das categorias foi orientada pelos princípios de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade e produtividade descritos por Bardin (2010). Com vistas a identificar as características dos episódios de violência noticiados, foram criadas as seguintes categorias de análise: locais de ocorrência, atores envolvidos, natureza da violência e tipos de atos violentos. A seguir serão apresentados os resultados referentes à cada categoria.

2.1 Categoria: Locais de ocorrência

A escola aparece como o principal local de ocorrência dos episódios de violência noticiados (Tabela 5). Como é possível observar, mais de 60% das notícias relatam atos violentos no interior da escola.

Local	N	%*
Escola	39	62,90
Deslocamento/Entorno da Escola	11	17,74
Ambiente Virtual	9	14,51
Atividade Escolar Externa	2	3,22
Outros	1	1,61

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 5: Número de Notícias por Local de Ocorrência

Fonte: Carvalho, 2021.

A violência que ocorre dentro da escola envolve diferentes atores (alunos, servidores, pessoas externas à escola etc.) e gera uma sensação de medo e insegurança entre os membros da comunidade escolar, como é possível observar nos trechos abaixo.

N14: Uma professora de 33 anos foi sequestrada no estacionamento do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) de Rio Verde, no sudoeste do estado. [...] Ainda traumatizada, a mulher diz que não decidiu se voltará a lecionar na instituição. “Estou com medo”, revela (Professora).

N18: A mãe de um estudante de 16 anos do curso de Agrimensura do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) registrou ontem o terceiro Boletim de Ocorrência denunciando um *bullying* constante contra o filho, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

N32: Alunas e professoras do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), na avenida Abraão João Francisco, a Contorno Sul, em Itajaí, denunciam momentos de terror e apreensão dentro da unidade. A mãe de uma aluna conta que várias mulheres têm sido assediadas na instituição.

Cerca de 17% das notícias analisadas descrevem atos violentos que ocorreram no trajeto ou nas proximidades dos *campi* dos IF's. Em sua maioria, são atos contra o patrimônio (furtos e roubos), praticados por pessoas externas à escola, sendo os alunos os principais afetados. Em alguns casos, a violência pode resultar no abandono do curso.

N05: Segundo relatos, assaltos e furtos se tornam cada vez mais recorrentes. [...] Ex-aluno do IFB, ele conta que parou os estudos devido à insegurança. "Era impossível estudar ali à noite. É muito perigoso. Não tem um aluno que não reclame", conta (Ex-Aluno). [...] "Tem aluno que chega sem tênis porque foi assaltado no caminho" (Gestor).

N33: Estudantes do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE) estão assustados com a ação de assaltantes nas imediações do bairro Jardim São Paulo em Petrolina, no Sertão de Pernambuco. Um aluno da instituição já foi assaltado quatro vezes este ano e diz que o clima é de insegurança.

N40: Os estudantes que utilizam a linha de transporte coletivo do Instituto Federal do Acre (Ifac) no período noturno, em Rio Branco, reclamam da falta de segurança em um ponto de ônibus do bairro Xavier Maia. Ocorre que sempre antes de o coletivo chegar a um determinado ponto, assaltantes anunciam assalto e roubam dezenas de passageiros. O caso mais recente aconteceu na última terça-feira (23).

No ambiente virtual também acontecem violências. Nesse espaço, destaca-se a violência psicológica, praticada através de atos como a ameaça, ofensa verbal e provocações. Cerca de 14,51% das notícias trazem relatos de violências praticadas através da internet. Alunos e professores são os principais envolvidos nos atos noticiados, tanto na condição de vítima como autor.

N02: Ifal aciona a polícia para evitar trotes violentos a calouros. Medida foi tomada depois que um grupo fez ameaças pelas redes sociais dizendo que os novos alunos seriam recebidos com trotes.

N60: Alunos denunciam professor do IFSP por racismo após post [...] em texto publicado no Facebook, [professor] fez um relato preconceituoso sobre turistas. "Odeio pretos e pardos comendo de tudo" (Professor).

N62: Manifestantes protestaram ontem contra a agressão racista sofrida por professora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM). O ato de racismo ocorreu [...] por meio de invasão de rede social, durante live realizada pelo evento de ciclo formativo "A gosto do negro: as relações étnico-raciais em projeção".

A violência entre membros da comunidade escolar ocorre, ainda, em atividades escolares externas e em encontros realizados fora do espaço físico da escola. Nos trechos abaixo são relatadas violências entre alunos que aconteceram em uma visita técnica e em um local de passeio.

N55: Duas estudantes do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Rondonópolis, a 218 km de Cuiabá, denunciaram um colega por importunação sexual cometido durante um passeio da escola na terça-feira (13).

N12: O Instituto Federal Farroupilha fez a transferência compulsória de um aluno e solicitou a transferência de outros dois por caso de agressão [...] a menina foi convidada por uma colega para ir até o Centro [...] lá se encontraram com outros adolescentes, quando começaram a discutir. A jovem foi levada até uma rua menos movimentada, quando começou a ser agredida com socos e pontapés.

2.2 Categoria: Atores Envolvidos

Nos episódios de violência analisados, os alunos são apontados como vítimas em cerca de 67% das notícias, sendo este o segmento da comunidade escolar mais vulnerável, esse dado pode-se observar na Tabela 6.

Vítima	N	%*
Aluno	42	67,74
Escola	11	17,74
Terceirizado(a)/Colaborador(a)	4	6,45
Professor	3	4,83
Técnico-administrativo	1	1,61
Pessoas externas	1	1,61
Não informado	0	0

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 6: Número de Notícias por Tipo de Vítima

Fonte: Carvalho, 2021.

As violências contra discentes retratadas nas notícias ocorrem, em grande parte, nas relações aluno/aluno e aluno/professor. Os discentes também são alvos de violências cometidas por pessoas externas, principalmente, no entorno dos IF's.

N03: Pelo menos 30 estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas já acusaram professores da instituição de assédio sexual desde 2013.

N05: Moradores e estudantes da QNM 40, em Taguatinga Norte, pedem socorro. Segundo relatos, assaltos e furtos se tornam cada vez mais recorrentes. Alunos do Instituto Federal de Brasília (IFB), localizado na quadra, garantem que a situação "está cada dia pior".

A escola é retratada como vítima da violência em quase 18% das notícias, com

destaque para a violência contra o patrimônio. Os demais segmentos da comunidade escolar aparecem na condição de vítimas com menor frequência nas notícias, embora alguns atos cometidos sejam de grande gravidade, como relatado em um dos trechos abaixo.

N37: Um aluno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia foi detido pela Polícia Civil após três ocorrências de furto no campus de Poços de Caldas (MG). Segundo a polícia, o aluno de 42 anos teria furtado itens de um laboratório.

N49: Dois vigilantes do Instituto Federal Fluminense (IFF) de Guarus, em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, foram mortos a tiros na madrugada desta sexta-feira (14). De acordo com a Polícia Militar, as vítimas foram atingidas na cabeça.

Em relação à autoria da violência, observa-se que as notícias dão destaque aos atos cometidos por alunos, pessoas externas à escola e professores. Embora os alunos ocupem a primeira posição, sendo citados 35,48% das notícias, a diferença para as duas categorias de autores seguintes não é grande, como é possível notar nas Tabelas 7 e 8 o número de notícias por autor “X” vítimas, cujo fica visível a violência entre eles próprios.

Autor	N	%*
Aluno(a)	22	35,48
Pessoas externas à escola	19	30,64
Professor	13	20,96
Escola	4	6,45
Não informado	2	3,22
Técnico-Administrativo	1	1,61
Terceirizado(a)/Colaborador(a)	1	1,61

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 7: Número de Notícias por Tipo de Autor

Fonte: CARVALHO, 2021.

Autor X Vítima	N	%*
Aluno(s) contra aluno(s)	18	29,03
Professor(es) contra aluno(s)	9	14,51
Pessoa(s) externa(s) à escola contra aluno	9	14,51
Escola contra aluno(s)	4	6,45
Pessoa(s) externa(s) à escola contra terceirizado	4	6,45
Outros	18	29,03

*O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 8: Número de Notícias por Autor X Vítima

Fonte: Carvalho, 2021.

Na quarta posição entre os autores de violências, aparece a escola, com 6,45% das menções. Nas notícias analisadas, a omissão e falta de cuidados com os alunos são apontadas como as principais modalidades de violência praticada pela escola, conforme descrito nos trechos abaixo.

N59: Pai critica falta de intérprete de Libras para filho deficiente no IFSP em Sertãozinho [...] “Isso é um dever da faculdade, é um dever da escola. Isso chama-se inclusão social. O que a faculdade está fazendo com ele é uma exclusão social” (Pai).

N61: O Instituto Federal do Tocantins (IFTO) terá que contratar mais seis intérpretes ou tradutores da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para atuar nos campus [...] atualmente o IFTO tem 12 profissionais para atender 12 alunos surdos, mas o mínimo recomendado é de 2 intérpretes por aluno.

N19: Estudantes do Instituto Federal do Norte de Minas (IFNMG) fizeram uma manifestação no campus de Salinas, na manhã desta quarta-feira (5). De acordo com os organizadores, os estudantes querem um diálogo mais amplo junto ao instituto sobre alguns temas como homofobia, assédio sexual, moral e racismo [...] “Nós acreditamos que o Instituto tem sido pacífico com alguns problemas que estão sendo registrados” (Aluna).

2.3 Categoria: Natureza e Tipos de Atos Violentos

A violência psicológica foi a mais relatada no material analisado presente em 41,93% das notícias. Logo em seguida, encontra-se a violência física, citada em 33,87% das notícias. Na sequência, estão a violência contra o patrimônio (29,03%), a violência sexual (17,74%) e a negligência (8,06%) (Tabela 9).

Natureza	N	%
Violência Psicológica	26	41,93
Violência Física	21	33,87
Violência contra o Patrimônio	18	29,03
Violência Sexual	11	17,74
Negligência	4	6,45

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

Tabela 9: Número de Notícias por Natureza da Violência

Fonte: Carvalho, 2021.

Tipo	N	%
Ameaça	16	25,8
Agressão física	13	20,96
Assédio/Importunação sexual	08	12,90
Roubo	08	12,90
Racismo/Injúria racial	05	8,06
<i>Bullying/Cyberbullying</i>	05	8,06
Latrocínio	4	6,45
Trote Violento	4	6,45
Negligência	4	6,45
Agressão verbal	4	6,45

* O percentual foi calculado a partir do total de notícias (62).

** Somente os 10(dez) primeiros.

Tabela 10: Número de Notícias por Tipo de Ato Violento **

Fonte: Carvalho, 2021

A ameaça foi o principal tipo de violência psicológica praticada, sendo relatada em cerca de uma em cada quatro notícias. A agressão física aparece na segunda posição. Os alvos das ameaças e agressões físicas são, em sua maioria, discentes, embora essas violências atinjam outros segmentos da comunidade escolar.

N17: Após se recusar a participar de “trote virtual” estudante relata estar sofrendo ameaças de veteranos [...] uma estudante do IFMS (Instituto Federal de Mato Grosso do Sul) relatou ao Nova News que jovens calouras do curso de Agronomia estão sendo coagidas, por se negarem a usar na capa do Facebook uma imagem com os dizeres “sou bixo burro mesmo, meu veterano é meu mestre”, com a hashtag #pagocerveja.

N57: Os traficantes mandaram um recado para mim, diz diretora do IFRJ [...] “Minha vida está em jogo”, declarou (Diretora). O recado emitido chegou a ela dentro da escola, depois que a polícia foi chamada ao local por conta do sequestro-relâmpago do professor

Tendo como principais alvos as mulheres, o assédio e a importunação sexual aparecem entre os tipos de violência mais noticiados (12,90%). Já o roubo é o tipo de violência contra o patrimônio mais citado nas notícias, com 12,90% de menções.

N09: Um estudante de 22 anos, do IFCE de Canindé [...] foi preso pela Polícia Civil na tarde desta sexta, 13, após a expedição de um mandado de prisão. Ele é acusado de importunação sexual e há algum tempo já vinha praticando o crime dentro da instituição de ensino.

N10: Um professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Centro-Serrano, em Santa Maria de Jetibá, foi preso por importunação sexual a adolescentes. Uma fonte informou a reportagem do ESHOJE que pelo menos três alunas teriam procurado a delegacia do município para denunciá-lo.

Casos de racismo/injúria racial envolvendo membros da comunidade acadêmica dos IF's foram destaques no noticiário, estando presentes em 8,06% das notícias.

N34: Quatro estudantes do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), do campus de Avaré (SP), foram suspensos por colocarem quatro bananas na mochila de uma estudante negra. O caso também foi registrado pela aluna na Polícia Civil como injúria racial e está sendo investigado pela Delegacia da Mulher.

O *bullying* e o trote violento também aparecem nas notícias analisadas. Juntas, essas duas formas de violência comuns no universo escolar foram mencionadas por quase 15% das notícias.

N18: A mãe de um estudante de 16 anos do curso de Agrimensura do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) registrou ontem o terceiro Boletim de Ocorrência denunciando um *bullying* constante contra o filho, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

N: Um estudante de 15 anos do Instituto Federal Baiano (IFBaiano) está internado no Hospital Cristo Redentor, em Itapetinga, no sudoeste da Bahia, depois de sofrer queimaduras de segundo grau no pescoço durante trote na segunda-feira.

Os outros tipos de violências mais citados nas notícias são o latrocínio, a negligência e a agressão verbal com 6,45% de menções cada. No caso do latrocínio, todos os atos foram praticados após invasão de unidades dos IF's por pessoas externas, tendo como vítimas os vigilantes dos *campi*.

DIREITOS HUMANOS E *BULLYING*: O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO E A UNESCO

Leyze Grecco

<https://orcid.org/0000-0003-0725-943X>
<http://lattes.cnpq.br/2035561372151115>

Maria Geni Pereira Bilio

<https://orcid.org/0000-0001-8742-6917>
<http://lattes.cnpq.br/5545755618918157>

Rodrigo Ribeiro de Oliveira

<http://lattes.cnpq.br/9456573255125999>
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1006-6500>

O objetivo deste capítulo é apresentar a base legal nacional e local para com a questão da Intimidação Sistemática, buscando mostrar como a legislação já salienta formas de combate e prevenção contra esta forma de violência.

A cada dia cresce a violação dos Direitos Humanos entre os membros da sociedade contemporânea da qual fazemos parte, pois, as pessoas estão cada dia praticando algum tipo de violência, independentemente do tipo, não importa, seja ele físico, psicológico ou moral.

Sabe-se que são inúmeras as formas de violência na sociedade, isso está relacionado à forma com que as pessoas conceituam e experimentam a violência. Dentre seus diferentes tipos, surge a palavra “*Bullying*”, a qual se diferencia das demais. No entanto, está relacionada à forma como é praticada - repetitiva

e sistemática. A palavra *Bullying* surgiu mais recente do que à ação que a determina, sendo, pelos mais antigos conhecido por “tirar sarro”, “apelidar” e “querer ser percebido às custas de outras pessoas”. Essas ações para quem pratica não têm tanta importância, mas para quem as sofre, há implicações não apenas em seu físico e/ou psicológico, mas também para sua autoestima. O psicológico é um aspecto muito sensível e a ser considerada no desenvolvimento das crianças e adolescentes que ao darem início à vida em sociedade, têm a escola como a segunda instituição que eles frequentam mais efetivamente..

Segundo a Lei , *bullying* é

[...] todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015, Art. 1º, § 1º).

O *bullying* se configura como um conjunto de ações agressivas, intencionais e repetitivas, ao longo do tempo, praticado por um ou mais alunos, causando danos físicos ou morais, que ocorre entre pares numa relação desigual de poder (AVILÉS, 2006; OLWEUS, 2006).

Este capítulo propõe apresentar os direitos do cidadão e direcioná-lo para a conquista do seu lugar dentro da sociedade na que pertence. Lançando-se mão de estratégias metodológicas relacionadas à pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico, foi identificada a importância de oportunizar aos leitores um tema de grande relevância na vida de todos que vivem em sociedade, pois a informação é ponto crucial para contribuir na formação humana.

Conhecer a legislação é o primeiro passo para minimizar o *Bullying* existente na sociedade. Ao contribuir com essa conquista, a pesquisa buscará uma intensificação do conhecimento sobre os Direitos Humanos e *Bullying*, sobretudo, no que afirmam a legislação brasileira e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), atualmente, sobre esse tema.

11 **BULLYING: CONHECER PARA APRENDER LIDAR COM ELE**

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) caracteriza como *bullying* colocar apelidos, ofender, fazer gozações e encarnar; fazer humilhações, causar sofrimento, discriminar, excluir e isolar; ignorar, intimidar, fazer perseguições e assediar; aterrorizar, tiranizar, dominar e agredir; bater, dar chutes, dar empurrões, causar ferimentos, roubar, e ainda quebrar pertences. O *bullying* pode manifestar-se de diversas formas:

- * direto e físico, que inclui bater ou ameaçar bater;
- * pontapear, roubar objetos, estragar objetos, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo;
- * forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo;
- * obrigar ou ameaçar colegas a realizar tarefas contra a sua vontade;
- * direto e verbal, englobando situações como chamar nomes, gozar, fazer comentários;
- * racistas ou que salientem qualquer defeito ou deficiência dos colegas;
- * indireto, que inclui situações como excluir sistematicamente alguém do grupo ou das atividades, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo de pares; e
- * espalhar boatos e/ou rumores, ou seja, manipular a vida social do colega ou colegas (ABRAPIA, s.d.).

Etimologicamente, o vocábulo *Bullying* é derivado do verbo inglês *bully* (*bully*: “valentão”) e tem por definição o ato habitual e frequente de machucar ou assediar alguém mais fraco, comumente por meio de zombarias e ridicularizações, com o intuito de exercer algum tipo de poder ou intimidação de forma agressiva e violenta.

O *Bullying* é bem mais que uma violência inocente, pois, Tognetta e Vinha (2010)

afirmam que *bullying* é um problema que é evidenciado nas relações interpessoais. As autoras afirmam que é na construção da identidade que os fatores como: culturais, sociais, biológicos, familiares, escolares são equacionados, ou seja, está relacionado ao conceito de si, e das imagens que o indivíduo tem de si. As autoras acreditam que a cultura e o meio em que vivemos influenciam na constituição da identidade do sujeito, contribuindo para a formação de alvos e autores de *bullying*.

Olweus (2006) define *Bullying* como sendo um conjunto de ações agressivas, intencionais e repetitivas, ao longo do tempo, praticado por um ou mais alunos, causando danos físicos ou morais, o que diferencia o *bullying* de outras formas de violência ou incidências pontuais. Ainda ressalta a existência de uma relação desigual de poder seja um desequilíbrio de força física ou psicológica ou de poder.

Contrapondo a visão de Olweus (2006), Tognetta e Vinha (2010) explicam que não há desnível de poder ou de autoridade instituída entre os envolvidos, diferenciando o *bullying* de outras formas de constrangimento, ou assédio de professores e pais sobre alunos, por exemplo. As agressões podem ser diretas (físicas, verbais, psicológicas ou sociais) ao alvo, ou indiretas (formas ocultas e menos visíveis). As formas indiretas podem ser diferenciadas em dois tipos (AVILÉS, 2006): *bullying relacional*, que ataca o alvo usando as relações sociais para isolar ou excluir; e o *bullying social*, que visa a atacar a autoestima e o *status* social de alguém em um grupo, difamando ou espalhando rumores falsos (*fake news*), por exemplo.

No ambiente escolar, o *bullying* se configura como um problema que prejudica a saúde psicológica e o avanço de crianças e adolescentes, desencadeando uma preocupação tanto nas esferas da psicologia, como na educação e saúde. Temas relevantes para cogitar métodos de enfrentamento dessas áreas ou na interface entre ambas, até então, não são esmiuçados ou devidamente explorados no âmbito da produção científica (ZEQUINÃO et al., 2017).

2 | DIREITOS HUMANOS: O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO

O tema dos Direitos Humanos teve como marco de reconhecimento com o pós-Segunda Guerra Mundial, cujo objetivo foi evitar novas atrocidades ocorridas durante esse conflito. Passa-se a ter um reconhecimento das diferenças de religiões, raça e cultura, também sendo reconhecido que todos nós temos pilares básicos que devem ser respeitados dentro de uma sociedade.

Este reconhecimento está ligado à criação da Liga das Nações Unidas, hoje nomeada de Organização das Nações Unidas (ONU), em fevereiro de 1945, a qual teve como primeira ação a elaboração de um texto com os direitos fundamentais do homem pela Comissão dos Direitos Humanos, finalizada em 1948. Entende-se como direitos humanos

aqueles intrínsecos a todo e qualquer ser humano, protegendo os indivíduos e grupos sociais de quaisquer atos que vão de frente com suas liberdades e dignidade humana.

Analisando o tema, Carvalho (1998, p. 47) preceitua que “[...] dizem-se humanos os direitos de que o indivíduo é titular só pela razão básica de pertencer ao gênero humano. [...] Esses direitos são imprescindíveis à sua segurança pessoal, servindo a seu sadio desenvolvimento no meio social em que vive”.

Neste sentido, chega-se ao conceito de dignidade do homem, principal objetivo de proteção com o reconhecimento de tais direitos. Muitos juristas buscam definir este pilar dos Direitos Humanos, tais como Silva (2006, p. 92):

[...] Um valor supremo que atrai o conteúdo de todos os direitos fundamentais do homem, desde o direito à vida. “Concebido como referência constitucional unificadora de todos os direitos fundamentais (observam Gomes Canotilho e Vital Moreira), o conceito de dignidade da pessoa humana obriga a uma densificação valorativa que tenha em conta o seu amplo sentido normativo-constitucional e não uma qualquer idéia apriorística do homem, não podendo reduzir-se o sentido da dignidade humana à defesa dos direitos pessoais tradicionais, esquecendo-a nos casos de direitos sociais, ou invocá-la para construir “teoria do núcleo da personalidade individual, ignorando-a quando se trate de garantir as bases da existência humana.

No Brasil é observável uma evolução gradativa a respeito deste tema em discussão, pois, alguns direitos desconsiderados anteriormente, ganha-se reconhecimento, como é o caso dos direitos das mulheres ao voto ou o direito à liberdade de expressão que fora extinguido durante a ditadura militar. Importante destacar que a atual Constituição Brasileira preza pelos direitos e garantias individuais. Esta Carta Magna traz como fundamento previsto em seu artigo 1º, III, a dignidade da pessoa humana.

A partir da Emenda Constitucional n.º 45/2004, os tratados internacionais sobre os direitos humanos passam também por um processo igual ao de emenda constitucional, aprovação de dois terços em dois turnos nas casas do Congresso Nacional. Isto é, terá valor de Constituição para a sociedade, mesmo estando fora do texto constitucional.

Azevedo (2002) indica da seguinte forma os preceitos fundamentais da dignidade humana: o respeito à integridade física e psíquica do sujeito (condições naturais), o gozo dos pressupostos materiais mínimos para o exercício da vida (condições materiais) e a fruição das condições mínimas de liberdade e convivência social igualitária (condições culturais). Qualquer atitude, que ponha em xeque os preceitos apresentados, será violadora dos direitos humanos. Assim, o *bullying* é um dos fatores que fere inevitavelmente os direitos do homem, em todas as suas formas. Seja ele direto ou indireto traz consequências graves à integridade física e psíquica de suas vítimas. Esses preceitos tornam-se mais evidentes ao adentrarmos mais no âmbito constitucional, pois traz, nos incisos de seu Art. 5º, direitos fundamentais, esses direitos apresentados pela Constituição Federal representam a garantia das pessoas em manter suas liberdades e integridades. A meta dos governos e da

sociedade, com isso, é de estabelecer e executar políticas anti-*bullying*. Apenas com a real conscientização de todos que o *Bullying* será um problema ultrapassado.

3 | DADOS ATUAIS DA UNESCO SOBRE A LEGISLAÇÃO

De acordo com a UNESCO, um em cada três alunos em todo o mundo foi vítima de *bullying*, com consequências arrasadoras no desempenho escolar, na saúde física e mental (ONU, 2020).

O problema é mais frequente entre alunos de 13 a 15 anos. Alunos com deficiência são tão ou mais propensos que seus colegas sem deficiência a serem vítimas de violência escolar e *bullying* ou intimidação (ONU, 2021).

Uma estimativa sugere que 246 milhões de crianças e adolescentes são vítimas de violência dentro e fora da escola todos os anos. As meninas são afetadas de forma desproporcional, assim como as que são percebidas como fora das normas sexuais e de gênero vigentes (UNESCO, s.d.).

Em estudo recente da UNESCO baseado em uma pesquisa global envolvendo 34.877 professores (80% deles da América Central e do Sul) destacou o que os professores pensam e fazem sobre o *bullying* nas escolas: até três em cada cinco professores pesquisados expressaram que a violência nas salas de aula afetou sua prática de ensino, mas apenas metade dos entrevistados sentiu que foram totalmente treinados e apoiados pela administração escolar para lidar com e prevenir o *bullying*. O estudo revelou ainda que alguns professores não conseguiram identificar as várias formas de *bullying*, principalmente aqueles que vieram de contextos onde o *bullying* é mais prevalente (UNESCO, 2021).

A Organização das Nações Unidas (ONU) propôs a Agenda 2030, um plano global composto por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs) e 169 metas para que esses países alcancem o desenvolvimento sustentável em todos os âmbitos até 2030. O ODS 16 voltado para a Paz, Justiça e Instituições Eficazes tem como objetivo reduzir significativamente todas as formas de violência. Assim, é importante prevenir o *bullying* nas escolas para que todas as crianças/jovens tenham direitos iguais à educação em ambientes sem violência.

4 | RELEVÂNCIAS

Observa-se por meio de levantamento de literatura, que os primeiros estudos sobre *bullying* no Brasil aconteceram de maneira tardia em comparação aos outros países mais desenvolvidos, começando somente em 2002 pela Associação Brasileira multiprofissional de proteção à infância e à adolescência (ABRAPIA), uma instituição que se preocupava com a redução desse tipo de violência. Essa Associação teve grande importância no que

diz respeito a despertar o interesse de mais pesquisadores para esse tema (FELIZARDO, 2017).

Nossa legislação dividiu o *bullying* em duas categorias: a) direta (verbal e agressões de fato) e, b) indireta (isolamento social). Essa divisão permite a subdivisão em diversas outras demonstradas pela legislação e pelos estudiosos nos termos dos incisos do Art. 3º, da Lei n.º 13.185/2015. Segundo Silva (2017), nota-se uma preocupação do legislador em abranger todos os atos de violência desta relação, a fim de cumprir com os objetivos da legislação, a prevenção, a punição e a responsabilidade do possível agressor.

Sabe-se que independentemente do tipo de violência, sejam agressões físicas verbais, sexuais, em forma de gestos e caretas além das indiretas que se caracterizam por serem mais sutis e difíceis de se identificar o agressor, sendo agressões psicológicas e morais todas, sem exceção, ferem nossos direitos como seres humanos (POLIDORI, 2015; SILVA, 2015; FELIZARDO, 2017; SILVA, 2017). A nossa Legislação atual nos ampara neste sentido.

Segundo dados da Unesco e da ONU (2021), um em cada três alunos em todo o mundo foi vítima de *bullying*.

A pesquisa nos levou a uma reflexão sobre o poder do conhecimento no cotidiano de cada pessoa independente da raça, sexo e cultura, servindo como um pilar na base dos direitos conquistados, sobretudo aqueles já garantidos pela legislação.

Faz-se necessário que haja uma comunicação entre escola e família, em que exista a prevenção a qualquer tipo de violência, além da intervenção necessária. Nisso se inclui o *Bullying* que se intensifica na escola, a segunda instituição em que a criança tem contato. A prevenção e a intervenção quanto ao *Bullying* são ações capazes de elevar a confiança que a família tem em relação à instituição escolar.

JUVENTUDES: POR UM PROTAGONISMO JUVENIL NA CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA

Sueli Soares dos Santos Batista

Centro Estadual de Educação Tecnológica
Paula Souza
<http://lattes.cnpq.br/5662623397801990>
<http://orcid.org/0000-0001-8126-9615>

Rodrigo Ribeiro de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/9456573255125999>
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1006-6500>

As metas do Plano Nacional da Educação 2014-2024 fazem referências à universalização do ensino médio, à educação profissional nas modalidades EJA integrada à EP (com proposta de oferta de no mínimo 25% das matrículas), à Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), (com proposta de se triplicar as matrículas dessa modalidade e expansão de 50% do segmento público) e à Educação Superior (em que também se insere a graduação tecnológica, com previsão de aumento de 50% da taxa de matrícula e expansão de 40% da taxa de novas matrículas no setor público dessa formação)¹.

São necessárias amplas e renovadas estratégias para que essas metas sejam

alcançadas. Buscar elevar a taxa de matrícula requer, antes de tudo, que se verifique metodologias de fomento da formação na educação básica com vistas à continuidade das trajetórias formativas e a inserção futura desses educandos no mundo do trabalho decente, condição essencial para garantia de obtenção de qualidade de vida, realização de plenitude sociocultural e econômica. Elevar a taxa de matrícula é tarefa não dissociada da permanência desses jovens nos bancos escolares.

O atraso escolar e a evasão, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, impedem que jovens deem continuidade em seus estudos, contribuindo com a sua inserção precoce em condições precárias de trabalho, renda e, ainda, de instável e deplorável *status* social.

Um jovem que na sua trajetória escolar não vê perspectivas em dar continuidade ao nível médio, conseqüentemente, não terá condições de concluir essa etapa da educação básica, nem de ingressar em um curso de formação profissional (que pode ser feito durante ou após o cumprimento desse nível escolar). Não estar trabalhando e nem estudando elimina ainda mais todas as possibilidades desses jovens de fazerem planos futuros, o que os deixam sob as estatísticas do desemprego, à mercê de um

¹ Esse capítulo se insere também nos estudos que os autores desenvolvem como pós-doutorandos no CCA/ECA-USP sob a supervisão do Prof. Dr. Luiz Roberto Alves. Trata-se de pesquisa sobre as relações entre juventude, educação, trabalho e cultura.

subemprego ou perante um quadro de total instabilidade profissional e de inacessibilidade às novas tecnologias e ferramentas de trabalho.

Para além dos normativos criados pelas políticas públicas que geram avaliações que resultam em mais normatizações e ações interventivas sobre a juventude estudante e/ou trabalhadora, ou nem estudante nem trabalhadora há que se compreender as juventudes.

A multiplicidade de condições juvenis nos impede a utilização da categoria *juventude no singular*. Por isso, nos limites deste estudo, optamos por usar o termo *juventudes*, não só pela amplitude territorial que esse projeto visa abarcar, mas pela multidimensionalidade das condições juvenis reveladora de fluxos e trajetórias as mais diversas em âmbitos e temporalidades nos quais se entrecruzam e se distanciam as experiências de escolarização, profissionalização e inserção sociocultural.

Conforme destacado por Abramovich, Andrade e Esteves (2004), a realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude. O conceito de juventude implica, para esses autores, no reconhecimento de diferentes grupos juvenis. que constituem:

[...] um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.(p. 21).

Assim, nos cabe questionar: que alternativas são possíveis quanto às diferentes concepções e práticas educativas tendo como centro as especificidades das culturas e experiências juvenis na sua multiplicidade? Singularidades e identidades juvenis são campos de estudos históricos e sociológicos que podem contribuir para dar contorno às potencialidades de ação dos jovens nos diferentes contextos em que se formam e se inserem.

Oliveira e Marques (2016), ao analisarem as políticas para juventude no Brasil, mesmo considerando a década de 1990, em que houve algum avanço, concluem que há uma representação social da juventude associada a problemas passíveis de controle de suas condutas. As diversas campanhas de conscientização e prevenção nem sempre resultam no que se espera quanto ao convívio social. Há elementos que não podem ser dispensados na construção de itinerários formativos, apesar de serem quase sempre negligenciados em se tratando de educação básica. Trata-se de considerar a atual imersão dos estudantes no universo das TDICs frente ao engajamento dos adolescentes e jovens que partem de uma necessidade de identificação, bem característica da fase de construção de identidade.

Partindo desse aspecto, as propostas exitosas desenvolvidas nas escolas e comunidades têm como característica a autonomia e a construção conjunta de propostas.

Como ter um planejamento pedagógico para o inesperado? Como planejar de modo autônomo e participativo um projeto pedagógico de cultura de paz? Sem conhecer essas juventudes que se constroem na escola e fora dela essa tarefa não se torna exequível.

É evidente que o combate exitoso ao *bullying* é capaz de melhorar os indicadores de permanência e aproveitamento escolar dos jovens. Mas isso não se faz sem um conhecimento atento da realidade desses jovens fora e dentro da escola. Uma educação emancipadora é aquela capaz de promover espaços e tempos de conhecimento, expressão e reconhecimento da diferença. Uma escola eficiente no combate exitoso ao *bullying* é aquela em que o diferente não precisa ter medo. A escola que se atém ao adestramento é em si um recurso violento que ressalta o caráter adaptativo da cultura, ao deixar de lado a sua potencialidade emancipadora.

Michel Foucault (1987), ao analisar os detalhes das relações de poder nas sociedades disciplinares, identificou os recursos para o bom adestramento. O poder disciplinar se estabelece assim a partir do que Foucault chama de instrumento simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame.

Trazendo reflexões para o universo escolar em que as diferenças pululam, esses instrumentos simples nos parecem, à primeira vista, apenas ferramentas educativas centralizadoras e hierárquicas. O problema é que um ambiente escolar que busca fabricar indivíduos, a partir de estratégias de uniformização, produz e reforça subjetividades que se articulam a esse todo uniformizador e adaptativo. Ou seja, é possível engajar os jovens na construção cotidiana do olhar hierárquico, a sanção normalizadora e do exame que coloca todos contra todos. Nesse ambiente aquele que não se enquadra no quadriculamento organizado pelo poder disciplinar está fadado ao sofrimento e à exclusão.

Pode-se afirmar que Foucault apontava para os mecanismos da microfísica do poder nas sociedades disciplinares que já estariam superadas pelas sociedades de controle marcadas pela crise e pela fluidez das instituições, dos tempos e dos espaços de produção de conhecimento e de poder. O *cyberbullying* nos mostra que não houve superação, mas sofisticação e pulverização da execução pública em suas múltiplas formas.

Se a escola ainda é espaço em que espetáculos de violência se sucedem, é necessário pensar o lugar que a diferença lá ocupa. As crianças e os jovens são plurais. Precisam assim ser reconhecidos e precisam se reconhecer dentro dessa diversidade enquanto distintos e dignos. A experiência estética é um espaço privilegiado em que a diferença se expressa e, por isso, de alguma forma, se liberta explicitando o que comumente é silenciado. A partir de três obras de arte, abordaremos a seguir como entendemos que no espaço escolar é possível construir espaços em que as diferenças não sejam excrescências.

1 | OUTRAS PESSOAS PENSAM

A gestão escolar e o exercício da docência podem e devem dar um passo na reflexão do seu papel, não só para diagnosticar e combater a violência, mas para analisar o quanto suas ações podem ser sinais que indicam o caminho da não-violência, da aceitação e da auto aceitação. Somos diferentes, sim, e as “outras pessoas pensam” como pôde afirmar o artista chileno, Alfredo Jaar, em um dos seus trabalhos. Sua obra, de 2012 composta de caixa de luz com diapositivo e material impresso preto e branco apenas, afirma que “outras pessoas pensam”. Isso significa reconhecer que os “outros”, ou seja, os que nos colocam com veemência a experiência da alteridade, são tão humanos quanto nós: pensam. Isso é importante porque a capacidade de pensar na cultura ocidental foi associada diretamente à existência. Se outras pessoas pensam também existem, resistem e merecem coexistir (Figura 1).



Figura 1 - Obra de Alfredo Jaar

Fonte: Sesc São Paulo/ Pompéia (2021).

As juventudes se expressam em sua multiplicidade de diferentes formas. Essas expressões distintas nascem de formas distintas de pensar. Reconhecer o que as outras pessoas pensam significa afirmar que pensam de formas diferentes. Sem a convicção

dessa realidade fundamental, o protagonismo juvenil sob o olhar hierárquico será contido e sob a sanção normalizadora será considerado indisciplinado e submetido a dispositivos institucionais capazes não só de punir líderes, mas também de coibir possíveis novas lideranças.

Do ponto de vista da gestão, lugar do pensamento e da ação estratégicas da instituição escolar, há que se garantir a construção coletiva da convicção de que outras pessoas pensam, ou seja, toda comunidade escolar em sua intensa diversidade pensa. O que pensam essas outras pessoas? O que pensa a juventude desta instituição que é lócus da gestão escolar? O que pensam essas juventudes, afinal? Esses questionamentos não devem mobilizar somente enquetes e caixas de sugestões, mas um posicionamento político em direção ao reconhecimento do outro como ser pensante.

2 | VOZES DISSONANTES

A atriz, dramaturga e diretora teatral, Denise Stoklos, a partir dos anos 2000, desenvolveu e apresenta um espetáculo que se chama “Vozes Dissonantes”. Esse espetáculo, dentro da sua proposta de Teatro Essencial, resgata pensamentos de personagens da história do Brasil que foram capazes de expressar outras possibilidades quase sempre silenciadas. O espetáculo não se refere à história oficial, ao senso comum, ao bom senso e ao consenso. Ao contrário, como diz o título do espetáculo, são vozes dissonantes que ainda podem ser ouvidas porque se referem a futuros pausados, a sonhos esquecidos, às alternativas ignoradas. Falando sobre a importância do resgate dessas dissonâncias (que vão de Padre Antonio Vieira a Milton Santos) promovido por seu espetáculo em forma de monólogo, Denise Stoklos afirma que pulsa nelas, nas dissonâncias, outro país que não este:

Um país mais livre, mais humanitário. Eles prepararam revoluções em favor dos menos protegidos, do povo brasileiro. E todos continuam com suas mensagens altamente atualizadas, que nos livram do derrotismo, do negativismo (STOCKLOS, 2021).

Embora inscritas num monólogo, as vozes dissonantes do passado destacadas por Denise Stoklos são colocadas em diálogo com o mundo contemporâneo (Figura 2).



Figura 2 - Denise Stoklos apresentando um monólogo

Fonte: O Tempo (2021).

O objetivo é estabelecer um diálogo para o futuro provocando novas dissonâncias e, por isso, alguma esperança de um país mais livre e humanitário. Como o diálogo tem sido construído e defendido no espaço escolar no sentido de contribuir para a liberdade e a humanização, para a multiplicidade e acolhimento da diversidade que aqui aparece como dissonância?

O filósofo francês Grégoire Chamayou em seu livro *A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário*, publicado em português pela primeira vez em 2020, dedica um item especial ao que ele designa como “a produção da dialogia dominante”. Trata-se de um fenômeno ligado ao marketing e à administração de uma forma geral de criar consensos intersubjetivos. Um pós-modernismo de bom tom, esvaziado de verdades totalizantes, de lugares de fala unívocos mas que Chamayou indica como diferentes maneiras de coibir o diálogo ainda que ainda buscando a sua defesa. Como isso se dá?

A defesa do diálogo aparece no mundo contemporâneo em diferentes espaços institucionais em que algumas estratégias de silenciamento se tornam comuns. O diálogo passa a ter, por exemplo, a função de informação abrindo canais de comunicação com os grupos contrários para que a equipe gestora fique bem informada sobre possíveis dissonâncias e gargalos no cumprimento de metas pré-estabelecidas.

O diálogo surge, então, como uma forma de dar um verniz democrático e inclusivo a estratégias de gestão de crises, antecipando e dando encaminhamentos às críticas e dissonâncias. A defesa do diálogo como ferramenta de gestão das crises institucionais na elaboração e implementação de programas e projetos dá espaço para a escuta das vozes dissonantes? Essas vozes dissonantes podem propor novos encaminhamentos para a elaboração e implementação de programas e projetos. Podem inclusive propor outros programas e projetos.

Denise Stocklos, em seu espetáculo, “Vozes Dissonantes”, aponta para o poder da poesia na construção de saídas e respostas. Outras pessoas pensam, falam e também poetizam. Mas essas múltiplas e comumente dissonantes falas são ouvidas ou só são consideradas quando úteis para o consenso ou como diz Chamayou, para a dialogia dominante? Essas vozes dissonantes são ouvidas mesmo que tragam outras linguagens em forma de poesia, de música, de dança, de arte, enfim?

A violência que aqui apontamos como a recusa do outro na sua capacidade de ser pensante, falante e criador de possibilidades totalmente outras e dissonantes é também a recusa de si mesmo, é a negação das potencialidades individuais e intrínsecas ao humano. É o que conclui Rubem Alves, em seu texto, “A Escutatória”:

Ouçamos o humano que habita em cada um de nós e clama pela nossa humanidade, pela nossa solidariedade, que teima em nos falar e nos fazer ver o outro que dá sentido e é a razão do nosso existir, sem o qual não somos e jamais seremos humanos na expressão da palavra.

Apela-se aqui para o esforço designado por Rubem Alves de escutatória. Para ele, “a nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade”. Digamos que seja também o combustível para a violência que se impõe cotidianamente àquele que por ser dissonante (de corpo e alma) recebe a palmatória do silenciamento, do apagamento, da exclusão e da execução pública.

3 | POESIA E O PROTAGONISMO JUVENIL DENTRO E FORA DA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DO SLAM

Mel Duarte, poetiza e ativista cultural por meio do Slam, afirma em um dos seus recitais:

*É, você, mulher negra
Cujo tratamento majestade é digno
Livre, que arma seus crespos contra o sistema
Livre pra andar na rua sem sofrer violência
E que se preciso, for levanta a arma, mas antes
Antes luta com poema
E não desiste, negra, não desiste
Ainda que tentem lhe oprimir
E acredite, eles não vão parar tão cedo
Quanto mais você se omitir
Eles vão continuar a nossa história escrevendo
Quando olhar para suas irmãs*

*Veja que todas somos o início
Mulheres negras, desde os primórdios
Desde os princípios
África mãe de todos
Repare nos teus traços, indícios
É no teu colo onde tudo principia
Somos as herdeiras da mudança de um novo
ciclo
E é por isso que eu digo
Que não desisto
Que não desisto
Que não desisto*

Onde nasceu Mel Duarte? Certamente dessa cena histórica no qual estamos

todos inseridos e que somos capazes de transformar por meio do encontro virtuoso entre educação e cultura. Forjada na ancestralidade negra, na “África mãe de todos” como mesmo diz, Mel Duarte fala do seu lugar de dor e de exclusão que não é individual. Fala de um coletivo que precisa escrever a sua história, construir sua auto-estima. Não desistir é o início e a finalidade de todo o esforço.

Mel Duarte evoca a existência de uma mulher negra que seja “livre pra andar na rua sem sofrer violência”. Digamos também ser livre para estar na escola sem sofrer violência. Sua voz se destaca em meio ao vozerio da multidão nas praças, nas ruas, nas estações de metrô, chamando a atenção dos jovens transeuntes vindos de múltiplos lugares mas igualmente condenados à não escolarização e à não profissionalização. É o Slam que aparece congregando poetas de rua. Por que o Slam, surgido como uma batalha de poesias em espaços públicos, não teve sua origem nas escolas? Os jovens nas suas multiplicidades e nas suas capacidades estéticas e políticas não poderiam usar o espaço da escola para se manifestarem?

Freitas (2020) em seus estudos sistematiza algumas informações sobre o Slam, trazendo-nos uma útil caracterização:

[...] a poesia deixa o ambiente acadêmico, abandona os circuitos tradicionais de curadoria e produção de sentido, flerta com a canção popular e torna-se uma prática coletiva e, como tal, se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. O significado dos poemas se constitui tanto através da narrativa em primeira pessoa sobre a experiência do/a slammer (narrativa que ele/a escreve e, desejavelmente, memoriza antes do evento, raramente improvisa como nas batalhas de MC`s), da voz e do corpo do/a poeta, quanto da relação com a voz, o corpo e as histórias do público que ouve (p. 13)

O Slam é, assim, um misto de manifestações culturais populares e midiáticas que se faz no espaço público, a partir de um coletivo ou visando a construí-lo. Slammer é um poeta, quase sempre um jovem estudante que se manifesta nas ruas e nas redes sociais, engendrando espaços de sociabilidade e de invenção cultural.

Embora já conhecido há algum tempo entre os estudantes, só mais recentemente, o Slam tem sido objeto de estudo pelos pesquisadores e profissionais da educação (DUARTE, VANZAN, BATISTA, 2020; PEREIRA, 2021). Entrou nas escolas há pouco tempo com a força de suas manifestações como uma reivindicação dos estudantes que falantes e ouvintes no espaço público desejaram ser protagonistas também dentro do espaço escolar. É de autoria do Coletivo Slam da Guilhermina que surgiu uma publicação que aponta para essa direção (Figura 3).



Figura 3 - Capa do livro Slam Interescolar-SP

Fonte: Coletivo Slam da Guilhermina (2021).

O Slam possível de ser compreendido, a partir dos conceitos de cidades rebeldes (HARVEY, 2014) e de cidadania insurgente (HOLSTON, 2008), abriga e potencializa expressões e debates sobre desigualdade social, racismo estrutural, machismo, homofobia e qualquer outra temática que fôr de interesse das comunidades criadas no espaço aberto e em aberto. São os mesmos temas que tratam das experiências de dor, de construção da subjetividade e da cidadania que aparecem nas escolas não em forma de poesia, mas comumente explodem em forma de violência por meio do *bullying*.

Paulina Turra, uma slammer, por meio da poesia, construiu a seguinte narrativa da qual destacamos alguns trechos que puderam se tornar públicos quando completou 19 anos:

*Agora eu tenho 19 anos, mas parece que eu só tenho 3
porque foi só com 15 anos que eu me assumi gay.
Gay não, sou sapatão,
tem gente que me olha e faz essa confusão.
Hoje em dia eu nem ligo, mas antes não era assim.
Já tive que me disfarçar, fantasiar
para esconder essa pessoa dentro de mim
[...] Hoje em dia eu nem ligo, sou do jeito que eu quiser,
o jeito que eu falo, que eu penso, que eu me movo,
é meu jeito de ser mulher!
[...] E vai ter gente falando que eu tô confusa,
mas confuso é quem quer me dar beijo,*

*mas não beija porque se assusta.
Eu beijo mina, bicha, diva, viada e sapatão.
Eu não tenho lista de pré requisitos.
Eu não tô atrás de um padrão.
E se hétero quiser ficar comigo na balada,
não é porque tá bêbado e a visão tá embaçada,
é porque eu sou uma puta mina gata
e de macho eu não tenho nada.
Eu posso até ter falado muito,
me embolado e falado demais,
mas é que eu só comecei a falar
três anos atrás (Slam Resistência, 2021).*

A slammer passou toda a sua educação básica lidando com dificuldades para se compreender e ser compreendida. Quantas horas passou na escola silenciando para si e para os demais a sua sexualidade que agora explode sem amarras? Quantos meninos e meninas estão hoje nas nossas escolas, nas nossas salas de aula, nas nossas disciplinas, realizando atividades propostas e até tendo bom desempenho, sem, contudo, esse universo educacional dialogar com as suas experiências de vida?

A arte e a cultura marcam a experiência humana e têm sido usadas para distinguir os povos e as civilizações. Têm sido usadas de maneira afirmativa para construir e impor padrões morais e estéticos. Mas guardam em si um caráter emancipatório por serem caminhos de expressão das diferenças. Promover, garantir e manter espaços de formação cultural no universo escolar é uma tarefa pedagógica e política, capaz de dirimir sentimentos e manifestações de ódio contra a diferença e a dissonância.

Aqui, brevemente mencionamos na nossa argumentação, uma exposição de um artista chileno e uma performance de uma atriz e dramaturga brasileira e as experiências de duas jovens slammers. Que espaços socioculturais e pedagógicos existem nas nossas escolas para que os alunos conheçam a arte e a cultura do seu bairro, da sua cidade, do seu país e tenham contato com os patrimônios culturais da humanidade? Que espaços socioculturais e pedagógicos existem nas nossas escolas para que todos conheçam as manifestações estéticas individuais e coletivas produzidas no contexto da comunidade escolar? Que espaços socioculturais e pedagógicos existem nas nossas escolas para que os que estão historicamente silenciados tenham a oportunidade de articular suas primeiras palavras de emancipação?

CULTURA DE PAZ: RELATO DAS EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES

Vanessa Costa Gonçalves Silva

<https://orcid.org/0000-0002-1593-0206>
<http://lattes.cnpq.br/7046686448958045>

Carla Silbene Oliveira de Paula Schneiders

<https://orcid.org/0000-0003-3700-4681>
<http://lattes.cnpq.br/7855208019772838>

Raquel Martins Fernandes

<http://orcid.org/0000-0002-0317-5389>
<http://lattes.cnpq.br/5856525232992306>

Paulo Alves de Oliveira

<http://lattes.cnpq.br/0770327171652503>
<https://orcid.org/0000-0002-9401-3800>

Ramon Martins Fernandes

<http://lattes.cnpq.br/0817875005403765>
<https://orcid.org/0000-0001-9197-3294>

O GPHSC - IFMT, nos últimos sete anos, vem estabelecendo atividades de ensino-pesquisa e extensão a partir de demandas específicas no IFMT em relação aos Direitos Humanos e à violência escolar. As experiências realizadas serão aqui apresentadas como uma forma de sugestão, reflexão e debate sobre as possibilidades de pensar o problema da violência escolar a partir do protagonismo jovem, em uma comunidade ampliada de pesquisa, que com metodologias de pesquisa e educação diversificadas, possa reunir estudantes, docentes e comunidade em prol da

cultura de paz.

Ao longo destes anos, as experiências e os resultados de pesquisas e intervenções fizeram-nos refletir sobre o que estabelece a cultura de paz, de modo proposital e a partir de princípios de valorização da vida e de dignidade da pessoa humana. Uma cultura de paz se configura como algo maior do que simplesmente a ausência de conflitos; mas a participação democrática, a inclusão do que é diverso e o respeito. Qualidade de vida, Bem-estar, Diálogos autênticos, Relações interpessoais favoráveis e Cultura organizacional de paz são alguns dos temas pertinentes a esta busca.

1 | RELATO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Desde o início do projeto, “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying*” em 2016, o GPHSC-IFMT tem realizado ações extensionistas de combate ao *bullying*. A perspectiva do projeto originalmente contemplava o tripé ensino-pesquisa-extensão em seu escopo. Cada etapa da pesquisa previa intervenções pedagógicas e ações extensionistas, configurando um movimento que aos poucos tornou-se contínuo, onde as fases se mesclam e se interpunham. À princípio, o movimento inicial seria da pesquisa. Diante de casos de *bullying* e violação dos direitos humanos levados à equipe multiprofissional, surgiu a necessidade de propor soluções e

conhecer melhor o problema.

Um projeto foi elaborado e submetido ao comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Foi quando o questionário diagnóstico *bullying* foi construído pelo grupo de pesquisa, revalidado e reformulado a cada aplicação, que se constitui em um instrumento de levantamento de dados, que permite ter uma visão geral dos casos e das situações de *bullying* no ambiente escolar; e também, tem uma perspectiva formativa, uma vez, que ao responder o mesmo, o estudante tem esclarecimentos sobre diversos tipos de violência. A partir da aplicação do instrumento e da análise dos resultados, várias ações foram propostas nas escolas que, voluntariamente, aderiram ao projeto, sendo as atividades pontuais e objetivas, com resultados a médio e longo prazo.

Em alguns contextos, a pesquisa contou com uma segunda fase com entrevistas, incluindo em alguns casos metodologias de pesquisa-ação. No questionário, havia uma pergunta aos estudantes sobre sugestões para acabar com o *bullying*, as atividades propostas estavam relacionadas diretamente, também, com estas sugestões. Procurando desenvolver o protagonismo jovem, ouvir os mesmos e propor soluções conjuntamente com eles. Este ponto é o que consideramos fundamental em qualquer proposta de programa de combate ao *bullying* e *cyberbullying*.

Vamos relatar algumas das experiências do GPHSC-IFMT, em todo Brasil, como uma forma de inspirar gestores e educadores para apresentar possíveis atividades a serem realizadas nas escolas. Enfatizamos, também, que enquanto grupo de pesquisa, nos colocamos à disposição para eventuais contatos para parcerias e para participação em nossas atividades. Aqui focamos as ações que o grupo foi convidado ou realizador, em torno da temática “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying*”. Outros eventos e atividades foram realizadas com outras temáticas. O GPHSC-IFMT também participou de eventos científicos para comunicação dos resultados das pesquisas, estas informações podem ser observadas de modo sintético em outras publicações do grupo de pesquisa.

Para minimizar os problemas causados pela prática do *bullying* na escola, os próprios estudantes expuseram suas ideias, com sugestões que contribuem para um ambiente mais saudável para todos que ali convivem. Os estudantes, como sujeitos da pesquisa, contribuíram com sugestões, que praticadas por todos, possam contribuir com a qualidade do ensino e do crescimento de todos que compõem a comunidade escolar, tornando-se assim seres humanos melhores. O trabalho que se inicia dentro do ambiente escolar tende a estender para além dos muros da escola, principalmente, no ambiente familiar. Somente intensificando as ações de combate à violência e fortalecendo os laços de dignidade e de respeito ao próximo é que será possível a construção de uma sociedade saudável e harmoniosa.

1.1 Edições do Festival Curta BLV

No *campus* Cuiabá Bela Vista do IFMT, o grupo de pesquisa desenvolveu várias ações, dentre elas, edições temáticas especiais sobre a problemática no Festival CURTABLV. Atividades no Setembro Amarelo. Lançamento do Aplicativo Viva Feliz: *bullying* não. Festival Desenha Belão. Além de atividades formativas, nas reuniões pedagógicas, no JENPEX, e nas salas de aula, atividades orientadas pelos docentes do grupo.

A concepção de que escola é um espaço multicultural, dinâmico, que oportuniza trocas de experiências e saberes, neste que surge a proposta de atividade multidisciplinar como o festival de vídeo intitulado: CURTA BLV, BLV é abreviação institucional para o IFMT *campus* Cuiabá Bela Vista, e a palavra CURTA se refere a modalidade dos vídeos em curta metragem e ao ato de curtir nas redes sociais, o nome foi a criação de um dos professores do projeto. O sentido pedagógico e extensionista do CURTABLV é através das interações nas redes sociais, o ato de curtir e compartilhar levar ao engajamento sobre as produções realizadas e o maior alcance de pessoas e divulgação/orientação sobre os temas.

1.1.1 Quarta edição do CURTA BLV

Em 2017, houve a IV edição do festival, que envolveu estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, cursos técnicos subseqüentes e cursos superiores, visando uma integração entre os diferentes públicos e níveis de ensino, promovendo a verticalização do tema e um debate de temas pertinentes aos dilemas da sociedade (Figura 4).



Figura 4 - Banner do IV Festival. Tema: Direitos Humanos e da Terra, 2017

Fonte: IFMT, 2017.

A articulação entre vários componentes curriculares integrou estudantes e a princípio os docentes das áreas de filosofia, sociologia, artes, informática, língua portuguesa, história, geografia, ética e legislação profissional entre outras.

O evento demonstrou a importância do apoio institucional, pois é indispensável a aprovação e o apoio das coordenações de curso e dos professores colaboradores. Os mesmos utilizaram a produção de vídeos como uma ferramenta didática de ensino/pesquisa/extensão, levando os alunos a pesquisarem sobre a temática Direitos Humanos e da Terra e a produzirem conhecimento efetivo sobre a mesma. Os professores incentivaram os alunos em suas respectivas aulas através da promoção de trabalhos avaliativos em forma de vídeo relacionado à disciplina e à nota de conceito a participação no festival. Para a produção dos vídeos, os estudantes tiveram oficinas de produção audiovisual, auxiliando com dicas de gravação e a produção do material (Figura 5).

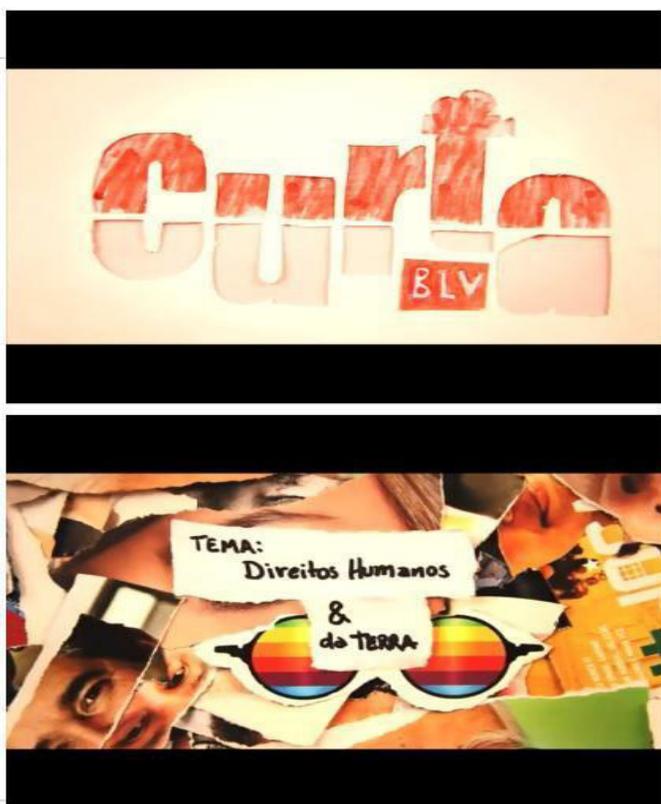


Figura 5 - Vídeo de divulgação do Banner IV. 2017

Fonte: Youtube, 2016.

link no You Tube: <https://www.youtube.com/watch?v=tpSQtb4non4>

É possível acessando o *link* indicado assistir ao vídeo de divulgação do evento que culminou com a premiação com troféus personalizados para o festival (Figura 6).



Figura 6 - Solenidade de encerramento do festival. troféus do IV Festival Curta BLV. 2017

Fonte: IFMT Campus Bela Vista, 2018.

Esses troféus confeccionados por docentes e discentes com materiais recicláveis conectaram a temática principal com a conscientização ambiental necessária para uma formação integrada de respeito ao ser humano e ao meio ambiente. A percepção sobre o tema relaciona o direito que todo ser humano tem de respeito às diferenças e igualdade de tratamento independente de sua cor, crença, situação econômica e social.

1.1.2 Quinta edição do CURTA BLV

O CURTABLV passou por sua quinta edição no ano de 2018 com a temática: *Bullying*: caminhos para o combate, sugerida pelos estudantes; título criado pelas estudantes bolsistas voluntárias no grupo de pesquisa. Posteriormente, esse título também foi utilizado para o projeto institucional desenvolvido com fomento, no qual as estudantes se tornaram bolsistas do programa de iniciação científica.

Foram realizadas oficinas para a produção de vídeo curta metragem, nas quais foram abordados temas como: artes cênicas; artes visuais; produção de roteiro; edição e divulgação, ministrada pelo aluno de publicidade da Universidade Federal de Mato Grosso, egresso do IFMT, campus Cuiabá Bela Vista (Figura 7).



Figura 7 - Banner do V Festival Curta BLV, modalidade vídeo, música e poema. Realizado pelo GPHSC, com o Tema: *Bullying*, Caminhos para o combate/2019

Fonte: IFMT, 2018.

Na quinta edição, houve expansão das categorias para além de vídeos, contou com a produção de poesia (individual), música (paródia ou autoral - individual ou grupo até cinco pessoas).

O Festival incentivou a produção de vídeos amadores em curta metragem (de dois a 15 minutos), poesias e paródias musicais de autoria própria e que nesta edição envolve o *Bullying*, com o objetivo de despertar interesse entre os jovens de participar desta temática (Figura 8).



Figura 8 - Premiação do V Festival Curta BLV, 2018.

Fonte: os autores, 2018.

Para a organização do evento, foi importante planejar e ofertar cursos e atividades de preparação para produção de vídeo curta metragem: oficinas de produção, envolvendo artes cênicas, artes visuais, produção de roteiro, edição e divulgação; preparação para a produção de poesia: produção textual, métrica; preparação para a produção de paródia: harmonia musical; ritmo; rima. Essa parceria foi firmada com estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Os acadêmicos de cursos de publicidade e jornalismo puderam ministrar oficinas/cursos para os estudantes participantes do festival.

Nesta edição, houve a preocupação em criar estratégias de ações pedagógicas que integrassem o tema com a pesquisa e extensão. Esta construção dos temas foi utilizada em salas de aula com a intenção de incentivar e promover a participação dos alunos no festival e despertar o interesse entre os mesmos para discussão do tema. Os professores em suas respectivas aulas promovem trabalhos avaliativos de forma que o estudante pudesse escolher uma categoria do festival e fazer algo relacionado ao tema *Bullying*. O roteiro utilizado pode ser visto na Figura 09.

**V CURTA BLV
ESTRATÉGIA DE AÇÃO PARA PROFESSORES**

Metodologia de trabalho para produção de curta metragem, poema e música.

Tema: *Bullying* – caminhos para o combate!

Questão proposta: Como o protagonismo jovem e o empoderamento dos estudantes podem ser um caminho de combate a práticas de violação de Direitos Humanos?

A escola precisa encarar com seriedade a existência da violação dos direitos humanos dos estudantes, materializado através do *bullying* ou outras formas de violência. As ações praticadas com o intuito de intimidar, diminuir e ofender o outro não podem ser vistas como uma brincadeira de criança. É preciso refletir sobre questões referentes aos direitos humanos que permeiam a sociedade global, tais como: relações étno raciais; inclusão de pessoas com deficiência; gênero, sexualidade e diversidade; *bullying* e *cyberbullying*.

A ideia desse Festival é focar no protagonismo jovem e no empoderamento jovem como um caminho para buscar alternativas de combate a essa problemática.

Estratégia de aula (roda de conversa ou oficina):

1º - Apresentar o questionamento do subtema à turma;

2º - Dividir a turma em grupo e entregar para cada grupo a declaração dos direitos humanos e a lei de combate Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), instituído pela Lei nº 13.185;

3º - Após 20 minutos de leitura, fazer um debate com base nos artigos da declaração e a Lei nº 13.185, buscando sugestões de como podemos combater o *bullying*;

4º - Pedir que os grupos discutam que tema referente aos 'caminhos para o combate' podem ser abordados, para auxiliar esses debates e entregar os relatos de situações reais de *bullying*, para buscar alternativas de encaminhamentos.

5º - Realizar pesquisa sobre o assunto, iniciar um recorte temático e construção de roteiro.

Talvez seja este o nosso maior mote:

Fazer com que todos entendam que a escola é um lugar privilegiado de encontro com o outro. Este outro que é, sempre e necessariamente, diferente!

Sugestão de vídeos para auxiliar na construção de roteiro:

1.- Mais de 30% dos alunos sofrem BULLYING todos os anos nas escolas. 160.000 alunos faltam aulas todos os dias por causa do BULLYING. Somente 4% das vezes os professores tomam uma providência. Esse vídeo mostra dicas simples de acabar com o

Bullying de acordo com o trabalho de Brooks Gibbs. **Melhor maneira de acabar com o BULLYING!** Link : <<https://www.youtube.com/watch?v=Z4K02jJqzeM>>

2.- No cinema, o cyberbullying foi mostrado de duas formas em *As Melhores Coisas do Mundo*, de Laís Bodanzky. Uma das personagens mantém um blog com fofocas e há ainda a troca de mensagens comprometedoras pelo celular. A foto de uma aluna numa pose sensual começa a circular sem sua autorização.

Link : <<https://www.youtube.com/watch?v=-jgSPH6zVEI>>

3.- A animação Pedra, Papel, Tesoura é uma campanha publicitária criada pela **Android** e traz uma mensagem muito significativa contra o bullying: Para estar junto, não é preciso ser igual. **Pedra, Papel, Tesoura - Diferentes entre iguais.**

Link : < <https://www.youtube.com/watch?v=RVGMoFrIIY>>

4.- Bullying NUNCA é aceitável. Esse curta traz uma estratégia de rede de apoio como fundamental para combater o bullying. (via UNICEF África).

Link : < <https://www.youtube.com/watch?v=-q-KJh6Xbw8>>

5.- Nova lei anti-bullying obriga escolas a realizar palestras e cursos aos pais, alunos, professores e funcionários das escolas para que saibam como se faz o combate ao bullying de forma correta. O professor Marcos Meier conversa sobre o tema com o jornalista Wilson Soler. Injúria, difamação e calúnia devem ser coibidos nas escolas. Publicar fotos na internet e nas redes sociais pode ser crime! Quais são todos os cuidados que os pais e as escolas devem ter em relação ao uso de tecnologias? Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=nIF6TVYvLZY>>

6 – Artigos do GPHSC-IFMT com resultados da pesquisa em Mato Grosso (em anexo):

MOTA, R.M.F.; FONSECA, F.B.; OLIVEIRA, C.E.; ASSUMPTÃO, Y.O. Sociedade contemporânea: convivência global e violência escolar. In: IV Congresso Nacional de Educação 2017, João Pessoa: Realize. <http://www.conedu.com.br/>

OLIVEIRA, C.; SOUZA V.L; OLIVEIRA, F.; SILVA, V. S. Violência escolar no Brasil: desafios em curso na educação do século XXI. In: Congresso Ibero-Americano em Avaliação Qualitativa (CIAIQ) 2017. Salamanca/Espanha, 2017. <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1540/1497>

Casos reais de *bullying*: Vamos pensar em prevenção e combate

Quais ações podem ser realizadas em sala de aula para debater/combater essa situação? Como encaminhar/direcionar para a resolução desse conflito?

01. Quando L.B., 15 anos, entrou na adolescência, uma deformação em sua face direita, fruto de uma doença congênita, começou a motivar piadas por parte dos colegas, especialmente dos meninos. Elas foram se tornando mais cruéis. “Me chamam de feia, boca torta e até perguntam se eu estou grávida na bochecha”, conta a menina, que sofre sem nenhum amparo do colégio estadual onde estuda desde janeiro, em São Paulo. “Aproveitam para me humilhar quando os professores não estão olhando”, diz L.B., que tenta esconder seu rosto com o cabelo. Tímida e sem amigos, ela acredita que pode superar o problema submetendo-se a uma série de cirurgias plásticas, já programadas. As cicatrizes das humilhações que sofre todos os dias, no entanto, ficarão para sempre em sua memória.

02. Por quase uma década, o administrador de empresas C.J., 28 anos, tinha medo até de atender o telefone de casa. Os trotes dos colegas de classe eram um tormento. Ele se tornou alvo constante de humilhações e ameaças simplesmente porque tirava notas altas e os estudantes o achavam “bonzinho demais”. De uma cidade no litoral paulista, mudou de colégio três vezes, mas sua fama migrava com ele. Ao esbarrar com alguém que sabia de seu histórico, o roteiro do bullying se repetia. Várias vezes, ele fingia estar doente para não ir à escola. Chegou até a desistir de participar da viagem de formatura do colégio por medo. “Disseram que, se eu fosse, a experiência seria um inferno”, rememora. Apesar de hoje levar uma vida normal, o administrador ainda guarda as sequelas. “Quando vejo um grupo rindo do meu lado, acho que é comigo”, ele diz.

03. Há mais de um ano, o gaúcho M.T., 14 anos, tornou-se alvo de ofensas anônimas em redes sociais. Dois meses depois, as humilhações deixaram o ambiente virtual. Numa festa, o garoto apanhou de um colega mais velho diante de toda a turma. O próprio agressor identificou-se como o autor dos xingamentos on-line. “Passei a ser perseguido por todo o grupo dele. Até os meus amigos estão com medo de andar comigo”, conta. Procurada pelos pais, a direção do colégio particular onde ele estuda, em Porto Alegre, só deu atenção ao caso quando soube que estava prestes a parar na polícia. A única providência foi reunir agressor e vítima para que selassem as pazes. M.T. continua sendo agredido, e a escola limitou-se a sugerir que os pais contratassem um segurança particular.

04. Minha filha tem 10 anos, cabelos enormes e encaracolados, com muito volume. Os cabelos dela são lindos, remetem a uma coisa meio afro e é considerado um trunfo nas passarelas, já que ela faz alguns desfiles de moda infantil. No entanto, na escola é chamada de pulguenta, bruxa e uma série de adjetivos que a magoam profundamente.

Ela sempre me pede pra deixar que faça escova progressiva, chapinha, mas seria um erro permitir que a maldade daqueles pestinhas retirem o seu diferencial. Até porque muitas críticas acontecem quando ela usa algo bonito ou diferente. A mãe de uma aluna me ligou pra saber onde eu havia comprado uma boina que a filha dela queria desesperadamente, a mesma que a menina havia chamado de "brega" e "coisa de piranha", quando viu minha filha usando. Ser alta, magra e estilosa tem sido difícil para a minha filha. Imagine o quanto de maldade não acontece com as crianças gordinhas ou com outras diferenças. Os professores costumam se fazer de mortos. Acho que devia haver mais acompanhamento, especialmente durante o recreio.

Figura 09 - Estratégias do GPHSC-IFMT no V CURTABLV

Fonte: os autores, 2018.

1.1.3 Sexta edição do CURTA BLV

Há muita necessidade de promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de outros ambientes, como os familiares, entre outros. Essa convicção orientou também a organização da sexta edição do CURTA BLV (Figura 10).



Figura 10 - Banner do VI festival Curta BLV, 2019. com o tema: Bem Estar. Organizado pelo Grupo em Estudos em Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT

Foto: Banner VI Festival Curta BLV, 2019.

Fonte: IFMT Campus Bela Vista, 2022.

As estratégias utilizadas nas edições anteriores como cursos, oficinas para os estudantes, foram mantidas, os mesmos em horários de contraturno das aulas regulares. Nas oficinas ofertadas, os alunos criaram estratégias para a elaboração dos materiais dos grupos. A premiação dos vídeos, poemas e músicas escolhidas pelo júri, foram vouchers de livros que os mesmos poderiam escolher na livraria parceira. As parcerias estabelecidas podem viabilizar este tipo de ação.

Nesta edição, houve, ainda, a preocupação em criar estratégias de ações pedagógicas, que integrassem o tema com a pesquisa e extensão. O roteiro utilizado é apresentado na Figura 11:

**VI CURTA BLV
ESTRATÉGIA DE AÇÃO PARA PROFESSORES**

Metodologia de trabalho para produção de curta metragem, poema e música.

Tema: *Bem-estar*

Questão proposta: Como bem estar pode promover a melhoria da qualidade de vida dos estudantes e servidores do IFMT-BLV?

Há uma preocupação com a qualidade de vida e o bem-estar comum dentro de nossa comunidade educativa. A ideia é que a escola busque promover ações que ultrapassem os muros da escola, inferindo em seu projeto de vida, priorizando a saúde, o bem estar físico, mental e social dentro do espaço onde o estudante está inserido. Visamos com esse projeto que o jovem tenha consciência da importância de seu papel como um cidadão sensível, solidário e consciente da importância da vida saudável.

A proposta deste trabalho é interdisciplinaridade vinculada às áreas de conhecimento estabelecidas pelos Projetos Pedagógicos dos Cursos e pelo Projeto Pedagógico Institucional. Nesta perspectiva os professores podem trabalhar conteúdos, procedimentos e atitudes que preparem os estudantes para vivências de produção artística (vídeo, música e poema) que foquem num equilíbrio cognitivo, físico, emocional, psicossocial, relacional, institucional, ambiental e espiritual; ou seja, que abarque as subjetividades e singularidades da pessoa que o busca. Consideramos esse um grande desafio da educação.

A ideia desse Festival é focar no protagonismo jovem e na valorização das relações intra e interpessoais, em ambientes intra e extra salas de aula, buscando a melhoria na qualidade de vida e bem-estar no cotidiano escolar.

Estratégia de aula (roda de conversa ou oficina):

- 1º - Apresentar o questionamento do tema à turma;
- 2º - Exibir vídeo sobre a temática; abrir o debate questionando as formas e possibilidades de manter uma vida equilibrada que promova o bem-estar pessoal e coletivo.
- 3º - Dividir a turma em grupo e entregar textos complementares para cada grupo.
- 4º - Após 20 minutos de leitura, fazer um debate com base nos artigos e vídeos trazer relatos de situações reais que favorecem a empatia e o bem-estar para buscar alternativas de encaminhamentos.
- 5º - Encaminhar a realização de pesquisa sobre o assunto, iniciar um recorte temático e construção de roteiro para vídeo, poema ou música.

Sugestão de vídeos para auxiliar na construção de roteiro:

- 1.- Clipe musical do rapper Emicida da música AmarElo. Para esse projeto musical, o artista convocou Pablo Vittar e Majur, além de trazer de volta a voz de Belchior, incluindo trechos da faixa "Sujeito de sorte" do cantor morto em abril de 2017. Emicida diz que no primeiro passo desse processo, a intenção era que as pessoas se sentissem grandes ao

se olharem no espelho. Agora, a ideia é que elas observem ao redor e se enxerguem maiores do que os seus problemas, independente de quais sejam.

<<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&feature=youtu.be>>

2.- O projeto realizado na escola de Olinda mostra a importância do envolvimento de todos estudantes para propor estratégias que trazem benefícios aos estudantes com dificuldades de aprendizagem e cria um espaço de acolhimento e solidariedade no espaço educativo.

<<http://g1.globo.com/pernambuco/videos/v/alunos-de-escola-publica-de-olinda-criam-projeto-para-ajudar-colegas-com-deficiencia/7968167/>>

Sugestão de artigos e reportagens para auxiliar na construção de roteiro:

1.- **Bem-estar: por que deveria ser preocupação da escola (mas ainda não é).** Ana Carolina C D'Agostini. <<https://novaescola.org.br/conteudo/15785/bem-estar-por-que-deveria-ser-preocupacao-da-escola-mas-ainda-nao-e>>

2.- **Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial.** <<https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/>>

3.- **Saúde e Bem Estar.** Saúde e bem-estar são dois conceitos distintos que merecem atenção. Estão relacionados, entre outros aspectos, com a ausência de doenças e com a satisfação com a vida. < <https://brasilecola.uol.com.br/saude/>>

4.- **Estratégias dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).** A ODS é uma agenda mundial adotada durante a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável em setembro de 2015 composta por 17 objetivos e 169 metas a serem atingidos até 2030. <<http://www.estrategiaods.org.br/os-ods/ods3/>>

Figura 11 - Estratégias do GPHSC-IFMT no VI CURTABLV

Fonte: os autores, 2019.

1.2 Importância do protagonismo juvenil

Uma das ações de ensino-pesquisa-extensão decorrentes do projeto e que se encontra em andamento atualmente, é o aplicativo Viva Feliz: *bullying* não; concebido a partir de sugestões de estudantes, e implementado conjuntamente com estudantes do ensino médio, técnico subsequente, ensino superior e mestrandos.

Após todos debates e ações realizadas, surge, a partir da ideia e percepção de alcance aos demais estudantes de vários níveis e de redes de ensino, a produção de um aplicativo que pudesse trazer informações, esclarecimentos, rede de apoio, textos e artigos sobre o assunto.

Os estudantes que se envolveram com o projeto auxiliaram na concepção, execução e acompanhamento do mesmo. Uma das grandes conquistas coletivas é o alcance do maior número de pessoas que precisam deste conteúdo para se orientar, sendo vítima, agressor ou espectador do *bullying* (Figura 12).



Viva Feliz Bullying Não

By Rees Educação



Este app está disponível para seu dispositivo



Adicionar à lista de desejos

The image shows a screenshot of the app's login screen on the left and a promotional graphic on the right. The login screen features the app's logo and the GPHSC logo, with input fields for email (andre.rees@gmail.com) and password, and buttons for 'Entrar' and 'INSCREVA-SE'. The promotional graphic has a green background with a grid pattern and contains the text: 'Viva Feliz Bullying Não', 'Aborda de maneira simples e atenciosa as questões inerentes ao bullying e as formas de impedi-lo.', 'Ajude baixando o App e preenchendo o questionário!!', and 'Play Store' and 'App Store' with corresponding QR codes. The GPHSC logo is also present in the graphic.

Figura 12 - Aplicado Viva Feliz sem *Bullying* NÃO

Aplicativo para atendimento de casos de *bullying*, lançado em 2020

Fonte: Aplicativo Viva feliz *Bullying* Não, dos autores, 2022.



Figura 13 - Alunas do IFMT campus Bela Vista, no evento de lançamento do aplicativo “Viva Feliz *Bullying* Não”2020

Fonte: Comunicação IFMT Bela Vista, 2020.

1.2.1 Conexão com a comunidade - Ações extensionistas e interlocuções com outros Institutos da Rede Federal de Educação Tecnológica

As atividades realizadas extrapolam o universo dos Institutos Federais e buscam relações com a comunidade através de ações, fóruns e debates, proporcionando a ampliação de espaços de discussão interdisciplinar sobre temas emergentes, pois, visam uma reflexão sobre os mesmos. Uma proposta de ação foi a participação do GPHSC – IFMT na Escola Estadual Dante de Oliveira, na Semana da Diversidade, com o tema *Bullying*, conforme a Figura 14.



Foto 14 - Palestra da professora Raquel Fernandes, na Escola Estadual Dante De Oliveira
tema: *Bullying* no IFMT Campus Várzea Grande, na Jornada da Diversidade 2018

Fonte: IFMT, 2018.

Várias atividades formativas foram realizadas no Mato Grosso e em outros Estados do Brasil, com estudantes e com professores. O objetivo dessas atividades era proporcionar o conhecimento sobre a temática e também fomentar vivências específicas ou atividades posteriores, descritas a seguir.

O campus João Pessoa do IFPB promoveu várias ações voltadas para a cultura da diversidade e direitos humanos, educação ambiental, manifestações artísticas, esportivas e culturais. O GPHSC - IFMT desenvolveu atividades de pesquisa e também de intervenção no campus, dentre elas, a VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA: PRECISAMOS FALAR DE *BULLYING*, no contexto do Fórum de debates em Educação, no dia 16 de novembro de 2017.

Essa atividade tem o objetivo de buscar o debate e a reflexão sobre a VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E O *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR, e também oferecer uma oportunidade de trocas de experiências através das vivências dos pesquisadores no contexto da atuação do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT (GPHSC), em Mato Grosso, Brasil. No contexto dessa atividade, se considera a importância de se investigar, compreender e interpretar as possíveis situações de violação dos Direitos Humanos que envolvem adolescentes no contexto escolar para promover ações de intervenção que possam contribuir para amenizar o problema. A atividade foi coordenada

pela professora Raquel Martins Fernandes e teve a participação de palestrantes como Paulo Alves de Oliveira (Mestre em Ensino pela Unic/IFMT); Vanessa Costa Gonçalves Silva (Mestra em Ensino pela Unic/IFMT) e Waldinéia Lemes da Cruz Alves (Mestra em Linguagem pela UFMT).

O “Projeto Vida”, ocorrido em 2018, também evidenciou ações do campus no âmbito da prevenção e do combate ao *bullying*, tendo como autora a psicóloga educacional Vanessa Pamela Souza. Este projeto trabalha com oficinas e, entre elas, o combate ao *Bullying*. A oficina proposta de combate ao *Bullying* desenvolveu a metodologia nas seguintes etapas: dialogar sobre a concepção, relatos de experiências, aplicação das técnicas de “Teatro do Oprimido”, nas quais os participantes encenam situações reais de *bullying* e depois mudam as cenas para combater a violação dos direitos humanos.

A oficina teve duração mínima de duas horas e os professores envolvidos foram os das disciplinas de Música, Filosofia, Sociologia e Matemática. A profissional relatou que, neste projeto, a temática do *Bullying* é um guarda-chuva que traz várias espécies de preconceitos (entrevista GPHSC).

Os alunos do IFPB, campus João Pessoa, também foram protagonistas ao promoverem ações de combate ao *Bullying* através do grupo EMPATIA, que distribuiu mensagens que valorizavam a autoestima no espaço físico da instituição, e, posteriormente, criaram um perfil no Instagram, um grupo anônimo de valorização pessoal e auxílio mútuo. Outro grupo atuante recebeu o nome de Coletivo Lua Cheia e distribuiu abraços no pátio da instituição. Com essas ações, os alunos ficaram imponderados para intervirem nas situações de *bullying* (GRECCO et al, 2019).

No mesmo ano, pesquisadores do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e mestrandos do PPGEn UNIC/IFMT, apresentaram trabalhos com resultados parciais baseados no cruzamento de pesquisas do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT (GPHSC) no II CONEPI – Congresso Nacional em Educação & Práticas Interdisciplinares (Figura 15).



Figura 15 - II CONEPI – Congresso Nacional em Educação & Práticas Interdisciplinares. 2018
 Fonte: IFMT, 2018.

O grupo realizou também várias atividades no *campus* Itabirito em Minas Gerais, além da aplicação do formulário *bullying*, do diagnóstico e da análise dos dados. Também foi possível a realização de entrevistas e estudo de caso, além de ações extensionistas e pedagógicas em conjunto com a equipe local. Destacamos a participação na IV Semana da Diversidade com presença de Jandira Carmem Braga e Raquel Martins Fernandes. Tema: *Bullying e Cyberllying IFMG - campus Itabirito em 2019* (Figura 16).



Figura 16 - Banner de IV Semana da Diversidade. IFMG - *campus* Itabirito/2019.
 Fonte: IFMG, 2018.

O GPHSC - IFMT também foi convidado para uma palestra reunião pedagógica IFMT - Campo Novo dos Parecis; cujos estudantes já haviam participado do CURTABLV e já se sensibilizaram com a temática. Após a ação formativa no *campus*, o mesmo grupo participou da pesquisa diagnóstica sobre *bullying*. O objetivo foi promover a capacitação dos docentes sobre o tema, promovendo a sensibilização e estratégias de atuação para combater a problemática, partindo do entendimento de que o professor é agente de transformação social e precisa abordar essas problemáticas em sala de aula (Figura 17).



Figura 17 - Formação com docentes do IFMT Campus Campo Novo dos Parecis

Fonte: os autores, 2018.

Foi feito o questionamento de como ser educador sem aprender a conviver com os diferentes? Entende-se que a formação pedagógica é um espaço para fomentar e sensibilizar a comunidade interna para reflexão e atitudes diante das diferenças no espaço escolar, visando despertar em todos os envolvidos a importância do respeito à diversidade.

No último semestre de 2021, em atividades remotas, o GPHSC - IFMT realizou várias atividades na região sul do Brasil, interlocuções no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão com pesquisadores voluntários. Várias reuniões foram realizadas com o intuito de fortalecer os vínculos institucionais e aprimorar o campo e a qualidade das pesquisas. Alguns servidores se dispuseram a participar diretamente da pesquisa. Assim ocorreram as seguintes atividades:

- a) Reunião com Clarissa de Godoy Menezes do NEPGS – IFRS – 16 e 17 de agosto de 2021;

- b) Delineamento de ações conjuntas, contribuições para reformulação do formulário diagnóstico *bullying* do GPHSC - IFMT;
- c) Reunião formativa com a equipe do Câmpus Venâncio Aires, 03 de novembro de 2021;
- d) Apresentação da problemática da violência escolar e *bullying* – Vanessa Silva. Apresentação da proposta do GPHSC - IFMT – Raquel Martins-Reunião com a professora Joseane do *campus* Venâncio Aires em 30 de novembro de 2021:
- e) Reunião com a professora e estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense - IFSul e do IFMT, sobre a possibilidade de ações conjuntas dos projetos de pesquisa e extensão;
- f) Apresentação de ambos projetos, atividades e integrantes. Reunião do IFSul Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDs) - 26 de novembro de 2021;
- g) Apresentação da proposta do GPHSC - IFMT – Dra Raquel Martins. Viabilização da aplicação do questionário *bullying* nos diversos campi, por intermédio dos NUGEDs. Reunião do Departamento de Educação Inclusiva – Unindo esforços - 02 de dezembro de 2021;
- h) Apresentação da proposta do Programa Escuta Sensível - DPEI. Apresentação da proposta do GPHSC - IFMT – Dra Raquel Martins. Foi encaminhada nova reunião para alinhamento das ações: aplicação de questionários nos campi e ações específicas a serem definidas após análise dos dados. Estas interlocuções culminaram em eventos com estudantes, servidores e comunidade;
- i) Foi realizada a Ação pedagógica GPHSC - NUGEDs - IFSul *campus* Lajeado no Sábado Letivo: Viva Feliz: *bullying* não - 11 de dezembro de 2021 – 8h30 às 10h30 – Palestra de uma hora com abertura para perguntas (Dra Raquel Martins e ex-bolsista Aline Aguiar). Intervalo - resposta ao questionário *bullying* no aplicativo Viva Feliz: *bullying* não. Roda de conversas – dois pequenos grupos com estudantes do 1º e 2º anos do ensino médio, em um grupo; 3º e 4º ano em outro grupo. Apresentação de vídeo, questões e diálogos sobre *bullying* e *cyberbullying*; apresentação dos resultados do questionário aplicado. Desta palestra surgiram encaminhamentos de ensino e extensão, em que os foram convidados a apresentarem texto, desenhos, charges ou vídeos sobre o tema, dentre os quais serão selecionados para postagem no aplicativo e redes sociais. (<https://youtu.be/UqSQRjqt1No>)



Figura 18 - Banner Palestra online: Viva Feliz, *Bullying* Não

Fonte: IFSul, *campus* Lajeado, 2021.

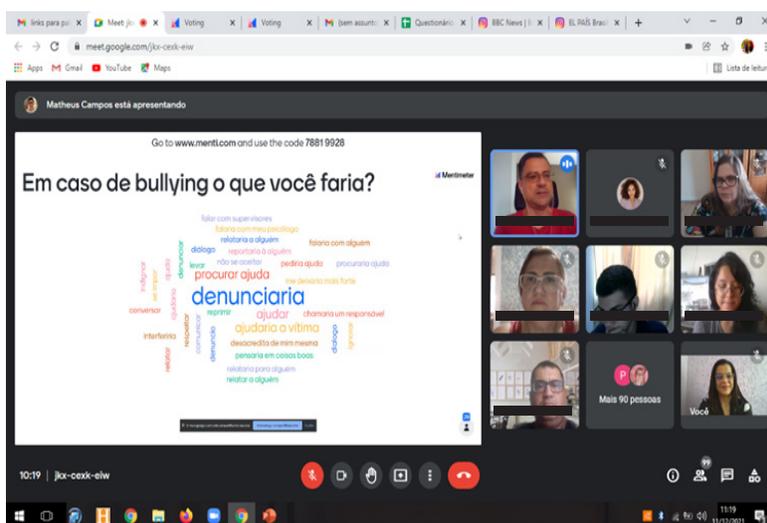


Figura 19 - Debate em salas virtuais após palestra - Viva Feliz, *Bullying* Não (Lajeado/RS)

Fonte: os autores, 2021.

Ocorreu também a participação em evento GPHSC - IFSul o 8º Seminário de Direitos Humanos. Palestra: Violência Escolar e Direitos Humanos: fato, fake e efetividade. 16 de dezembro de 2021 – 19:30 - Dra Raquel Martins e Ms Vanessa Silva. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a0HHRydzWow>. E a palestra do GPHSC - IFMT na Universidade Federal Fronteira Sul - UFFS, em resposta ao convite para evento do projeto de extensão do professor Dr Ronaldo Garcia, que pode ser visualizada neste link <https://www.youtube.com/watch?v=XeoL0vxX7eI>.

2 | E, AGORA!? COMO CONSTRUIR UMA CULTURA DE PAZ

O *bullying* na escola não pode e nem deve ser compreendido como responsabilidade de um único sujeito, ele é um problema coletivo, social e de cunho relacional. Por isso precisa ser pensado coletivamente e com múltiplas estratégias que possam alcançar os resultados esperados. Conhecer a realidade dos estudantes e suas vivências é o início de um trabalho que demandará tempo, mudanças de concepções e paradigmas quanto às relações escolares estabelecidas no cotidiano escolar.

A escola, além da formalidade do currículo e dos planos de aula, pode estimular as discussões acerca das incivildades nas interações cotidianas transversalmente, como também pode criar momentos para desmistificar a banalização acerca desse conceito junto aos alunos e ao corpo de professores e técnicos do Instituto, de forma criativa através das manifestações culturais. Estas ações podem ser institucionalizadas em termos de políticas públicas, institucionais; com documentos normativos ou prospectivos que permitam a construção da cultura de paz e a correção de ações violentas de modo integral e formativo.

Em uma cultura que a cada dia predomina o domínio midiático, a vociferação, o controle e o 'cancelamento' nas redes sociais, falar em cultura de paz parece um discurso longe de se tornar efetivo. Em campanhas contra a violência é comum observarmos que quanto mais se fala em um assunto, mais visibilidade ele tem, aparentemente, parece que as campanhas estão produzindo um efeito contrário. Muitas notificações aumentam, mas exatamente, porque as pessoas tornam-se conscientes de seus direitos e da possibilidade de ir contra o ato violento, mas, nem sempre, as propostas de conscientização levam o agressor, principalmente, a recuar.

Como produzir um movimento endógeno que gere a paz nos relacionamentos, a partir da motivação intrínseca do próprio indivíduo, esta é uma questão. Consideramos que precisamos pensar nas crianças e nos adolescentes como sujeitos de direitos e formalizar programas, projetos, eventos e propostas, a partir deste viés. Isso significa que eles teriam voz, vez e autonomia para legitimar os próprios projetos constituintes de direitos e deveres com a orientação e não coerção dos educadores. Sabe-se que há casos pontuais onde é necessária a punição e até criminalização, no entanto, até mesmo a punição para um

indivíduo em fase de desenvolvimento, precisa contemplar o aspecto educativo, como medidas socioeducativas. Ouvir os estudantes e construir espaços de diálogo seriam os pontos centrais para construção de um programa institucional de combate ao *bullying*. O envolvimento dos estudantes no processo de construção, criação e manutenção de projetos é fundamental para um movimento institucional de cultura de paz; não é necessário dizer, mas pode-se reforçar que conjuntamente, com os estudantes, toda comunidade escolar precisa se envolver, nem mesmo uma pessoa que trabalha na escola de modo terceirizado, por exemplo, prestando um serviço no ambiente escolar, pode ser conivente com situações de violência e violação dos direitos humanos. É dever de toda comunidade interna e externa zelar pelo ambiente de paz escolar.

Outro ponto central para um movimento endógeno, ainda, neste sentido, seria, ao invés de produzir um discurso de “não pode isso ou não pode aquilo”, apresentar soluções. Por exemplo, no V Festival CURTABLV, em 2018, no *campus* Cuiabá Bela Vista, a temática foi “Bem-estar”, ou seja, se o bem-estar e qualidade de vida são favorecidos, as oportunidades de violência tendem a diminuir, neste exemplo, o foco foi a solução e não o problema do *bullying*. Mostrar que existe uma outra realidade possível e favorecer a mesma faz parte deste movimento de produção de novos conhecimentos e relações em um processo interno que possa repercutir no todo.

Por fim, o envolvimento, o engajamento, palavras tão propaladas, mas que realmente significam este movimento que tende a levar as pessoas a se sentirem pertencentes de uma realidade, de um ambiente, no caso, pertencente a uma escola, como um local que gostam de estar, de fazer, de viver; e assim, zelar, pelos direitos e pelos deveres da comunidade a qual pertence. Princípios básicos da etiqueta social, tais como empatia, linguagem polida, respeito, sociabilidade, reciprocidade, já ajudam bastante. Como diria a *hashtag*: mais amor por favor!

3 | CULTURA DE PAZ, EDUCAÇÃO E OS VALORES

O Protagonismo Juvenil é um modo de valorizar o ser humano com suas virtudes e habilidades, utilizando as artes e os projetos integradores para desenvolver a autonomia dos jovens em ações efetivas no espaço escolar. Neste contexto, se estabelece a busca por sentidos ao apontar objetivos individuais ou coletivos que propõem uma construção de futuro.

Sobre os valores e a humanização do ser, Ortega (1983) corrobora que humanizar-se implica em saber refletir ao interiorizar-se (*ensimismamiento e alteración*) e alterar-se ao ir ao mundo do outro percebendo que os outros fazem parte do seu eu ao participar da sua própria circunstância a que deve salvar; portanto, estes valores, de pensar e acolher, são inexoráveis.

Para viver bem, ainda de acordo com Ortega (1954) , faz-se necessário agir e se projetar no mundo conhecendo e exercendo a sua vocação, àquilo que for o seu chamado ou missão. Por isso, o estudo e o trabalho não correspondem apenas àquilo que se faz, mas diz respeito ao ser que a pessoa radicalmente é.

Alguns dos valores citados por Ortega são contemplados recentemente na educação no Brasil, de modo gradativo, abrangendo novas perspectivas com a Base Nacional Comum Curricular ao proporcionar disciplinas eletivas que se baseiam em iniciação à pesquisa, educação financeira e elaboração do projeto de vida.

Para desenvolver a cultura de paz por meio de estratégias educacionais e do Protagonismo Jovem, é importante fomentar, por exemplo, a eleição do grêmio estudantil para que esse grupo de estudantes participe do processo democrático, facilitando o diálogo entre os jovens e a instituição educacional.

Outro modo de buscar a paz, segundo Schneiders (2020), é criar um grupo de apoio existencial a partir das ferramentas fenomenológicas, por exemplo, saber exercer a escuta, saber ir ao mundo do outro em recíproca, estreitar a intercessão e demais práticas, com o uso do método da Filosofia Clínica (que permite um viés psicopedagógico de compreensão humana e da ação pedagógica) como intervenção escolar no combate ao *bullying*. A técnica da Filosofia Clínica viabiliza a aproximação e aprofundamento na interseção entre os discentes e docentes promovendo alteridade a partir do princípio ético, potencializando o aprendizado com o máximo de eficiência e eficácia, o que pode contribuir no desenvolvimento do ensino a partir da singularidade da pessoa no processo de humanização em qualquer ambiente educacional ¹

Enfim, a escola não precisa ter espaço para a violência, uma das formas de resistência ao tipos de agressões é criar a cultura de paz ao se conhecer e se projetar, despertando sonhos e desenvolvendo os valores.

4 | O PAPEL DA ESCOLA E DO CURRÍCULO.

Fante (2005) faz o questionamento sobre o papel da escola, interpela se a mesma deve se preocupar apenas com a transmissão de conteúdo, ou teria o dever de preocupar-se com o ensino de valores humanistas, a partir de princípios da solidariedade, tolerância, respeito às diferenças individuais e ao bem comum. Trazemos esses conceitos para o entendimento de que uma escola que visa esses valores pense em alicerçar seus valores a partir da educação em Direitos Humanos, inclusão e diversidade, visando combater a violência social a partir do estabelecimento de ações pacificadoras e de tolerância.

Cabe ressaltar o papel formativo da escola, em que, como Certeau considera, toda

¹ Cf. Para saber mais sobre o uso das ferramentas da Filosofia Clínica na escola é necessário realizar a leitura da dissertação de Schneiders (2020).

cultura “se elabora nos termos de relações conflituais ou competitivas entre mais fortes e mais fracos, sem que nenhum espaço, pode instalar-se na certeza da neutralidade” (CERTEAU, 2004, p. 86).

Silva (2009) fala desse espaço (escolar) que não é neutro. O autor considera a plenitude de sua formação quando o ser humano concebe que é constituído a partir das “relações com a cultura com os outros e com o ambiente”. O mesmo ainda traz a concepção de que o “educando deve estar consciente de que a identidade de um povo e do próprio ser humano individualmente é construída de forma coletiva e constante, que deve respeitar e valorizar os saberes contidos nas outras culturas” (p 129). O que consideramos como o papel mais fundamental da escola, como local de formação e transformação, é formar o ser humano que tenha consciência de que é possível aprender e trocar saberes ou conhecimentos com outros grupos. Essa troca não tem mão única, isto é, um povo que recebe, aprende e outro que ensina e traz o conhecimento. (SILVA, 2009, p. 133).

O currículo pode ser utilizado como estratégia de enfrentamento das formas de violência que ocorrem no contexto escolar, tanto as que são facilmente percebidas quanto aquelas que estão escondidas ou silenciadas. Pensar o currículo da escola por meio de documentos institucionais existentes, como no caso dos Institutos Federais como: Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, com ênfase no capítulo que trata do Projeto Pedagógico Institucional – PPI e do PPC - Projeto Pedagógico do Curso, para compreender as estratégias pedagógicas em relação à violência no âmbito escolar.

Os documentos formais das instituições de ensino podem transparecer sua identidade institucional quando estabelece suas concepções acerca de pautas que são dilemas educacionais, com temáticas sensíveis e necessárias ao contexto educativo. Silva (2019, p. 35) relata a importância de proposituras de ações pelas quais os responsáveis reflitam sobre suas práticas e posturas frente à multiplicidade de facetas da violência, que podem ser multifatoriais, internas e externas à escola.

Pensar na escola, no seu currículo e na concepção de que o conhecimento está em constante transformação, que muda permanentemente e que visa favorecer o crescimento pessoal, leva-nos a refletir sobre a prática de um currículo que não é fixo e engessado, que não propõe universalizar uma verdade em especial e que rompa com o único objetivo de ensinar aquilo que é mensurável, quantificável e observável, desconsiderando as complexidades, subjetividades e singularidades dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, estamos aqui por uma história que vale a pena ser vivida em um mundo complexo e globalizado, interligado pelas NTDICs numa cultura de direitos humanos e da Terra.

Foram desenvolvidas propostas pedagógicas e atividades com os estudantes, atribuindo-lhes um papel existencial na comunidade escolar com o propósito de reconhecer as habilidades e virtudes dos jovens, protagonistas do seu próprio pensamento crítico e autônomo ao tornarem-se o ator principal do seu fazer com suas escolhas e responsabilidades.

Visamos com esse projeto que o jovem tenha consciência do seu papel como um cidadão sensível, solidário e consciente e da importância da vida saudável individual e socialmente. Nesta perspectiva caberia aos educadores (professores, coordenadores, técnicos educacionais, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e demais profissionais da educação; pais, membros da comunidade, órgãos da rede de proteção à criança e adolescente) e toda e qualquer pessoa que esteja direta ou indiretamente envolvida com o ato de ensinar e aprender) comprometidos com uma cultura de paz, trabalhar conteúdos, procedimentos e atitudes que preparem a pessoa humana para vivências que foquem num equilíbrio cognitivo, físico, emocional, psicossocial, relacional, institucional, ambiental e espiritual; ou seja, que abarque as subjetividades e singularidades da pessoa humana que o busca.

Consideramos esse um grande desafio da educação, a ideia é favorecer atividades que permitam o protagonismo jovem e a valorização das relações intra e interpessoais, em ambientes intra e extra salas de aula, buscando a melhoria na qualidade vida e bem estar no cotidiano escolar e no mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos G. (orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade Brasília** : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

AVILÉS, J. M. **Bullying**: el maltrato entre iguales. Agresores, víctimas y testigos en la escuela. Salamanca: Amarú Ediciones, 2006.

AZEVEDO, A. , **A caracterização jurídica da dignidade da pessoa humana**. In: Revista Trimestral de Direito Civil, n. 9, jan./mar,2002.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015.

COLETIVO SLAM DA GUILHERMINA. **Das Ruas Para As Escolas, Das Escolas Para As Ruas**: Slam Interescolar–SP. São Paulo, Editora LiteraRUA, 2021. Páginas: 272

CARVALHO, J. M. **Os Direitos Humanos no Tempo e no Espaço**. Basília Jurídica, 1998.

CARVALHO, Washington da Silva. **Violência escolar e Institutos Federais em pauta**: um olhar sobre o fenômeno a partir da cobertura jornalística / Orientador: Degmar Francisca dos Anjos – João Pessoa: PROFEPT-IFPB, 2021.

CAMBI, Eduardo. OLIVEIRA, Priscila Sutil de. **Bullying e educação para os Direitos Humanos**. In: Revista Aporia Jurídica (on-line). Revista Jurídica do Curso de Direito da Faculdade Cescage. 5ª Edição. Vol. 1 (jan/jul-2016). p. 127-146.

DEVECHI, C. P. V.; TREVISAN, A. L. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 148-155, 2010.

DUARTE, Mel. **Não desiste**. Disponível em: <https://melduartepoesia.com.br/>. Acesso m: 20 dez. 2021.

FELIZARDO, Aloma Ribeiro. **Bullying escolar**: prevenção, intervenção e resolução com princípios da justiça restaurativa. Inter Saberes; 2017.

FERREIRA, F. D.; VANZAN, M. G. L; BATISTA, S. S. D.S. Formação Cultural na Educação Técnica e Tecnológica: a experiência do Slam. **Anais... XV Simpósio dos Programas de Mestrado Profissional**, 2020. São Paulo. Centro Paula Souza, 2020. p 84 - 93. Disponível em: <<http://www.pos.cps.sp.gov.br/files/artigo/file/985/e8b2144a1a48246c434f23d159ac5f5d.pdf>>. Acesso em: 03 de fev. de 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p

FREITAS, Daniela Silva de. **Slam Resistência**: poesia, cidadania e insurgência. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, núm. 59, e5915, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3231/323162626006/html/>. Acesso em 12 dez. 2021

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. -São Paulo: Atlas, 2002.

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. 3. ed. Madrid: Morata, 2006.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Unesco quer melhor resposta ao bullying a crianças e adolescentes nas escolas**. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/09/1762262> Acesso em 22 de nov. de 2021

ONU – Organização das Nações Unidas. **Um em cada três alunos em todo o mundo foi vítima de bullying**. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/99363-um-em-cada-tres-alunos-em-todo-o-mundo-foi-vitima-de-bullying> Acesso em 22 de nov. de 2021.

OLIVEIRA, Mariana L.; MARQUES, Luciana R. Políticas de juventudes: histórias de vida, educação e resistência. **Revista educação e Sociedade. Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, nº. 137, p.1203-1222, out.-dez., 2016.

ORTEGA Y GASSET, José. **Ensimismamiento y alteración**: Meditación de la técnica. Espanha: Alianza,1983.

ORTEGA Y GASSET, José. **El hombre y la gente**. Espanha: Alianza,1954.

POLIDORI, Marlis Morosini. O *bullying* na escola e o papel do estado. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 24, n. 2, p. 109-126, 2015.

MOTA, R. M. F.; NEIVA, M. A. B.; SOUZA, J. A. de; OLIVEIRA, P. A. de, ALMEIDA, R. M. de, Fonseca, F. B. da. Pesquisa qualitativa em Educação: estudos transdisciplinares do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT (GPHSC - IFMT). **Indagatio Didactica** / ISSN: 1647-3582/ v. 9 (3), novembro 2017, pp. 79-98.

SCHNEIDERS, Carla S. O. P. **Filosofia Clínica e Bullying**: intervenção no ensino médio. Dissertação de Mestrado, orientadora Phd Raquel Martins Fernandes, IFMT-Cuiabá: 2020, 103f.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Globo Livros; 2015.

SILVA, Elenice da. **Combate ao Bullying por meio dos princípios e práticas da justiça restaurativas**. InterSaberes; 2017. SOUZA, Eliakim Kaiam Oliveira de. **Educando para a empatia**: Um projeto antibullying. Instituto de Artes Departamento de Desenho Industrial, Brasília, 2017.

SILVA, J. A. **Curso de Direito Constitucional Positivo**.12. ed. rev. atual. - São Paulo: Malheiros, 2003.

SESC SP (POMPEIA). Alfredo Jaar: “Todo ato estético é um ato político”. Disponível em: <https://www.secsp.org.br/alfredo-jaar-todo-ato-estetico-e-um-ato-politico>. Acesso em 16 dez. 2021.

STOKLOS, Denise. **Vozes Dissonantes**. <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/ipuranga/noticias/?p=62003Stocklos>. Acesso em 10 dez. 2021.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. Educação. **Revista do Centro de Educação**. v. 35, p. 449-463, 2010.

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **School violence and bullying**, s.d. Disponível em: <https://en.unesco.org/themes/school-violence-and-bullying> Acessado em 22 de nov. de 2021.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Os professores precisam de treinamento e apoio para prevenir e lidar com o bullying na escola**, 2021. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/teachers-need-training-and-support-prevent-and-address-school-bullying> Acesso em 22 de nov. de 2021.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. **Vulnerabilidade e Bullying Escolar: Interfaces Teóricas Possíveis**. 3. ed. Goiânia: Pensar A Prática, 2017. 15 p. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/41987>. Acesso em: 22 nov. 2021.

E-books e dissertações do GPHCS-IFMT sobre a temática

Bullying [recurso eletrônico] : caminhos para o combate / Organizadores Veralúcia Guimarães de Souza, Cleide Ester de Oliveira, Paulo Alves de Oliveira; revisoras Priscila Veloso Ramos, Carolina Guimarães Santos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3184>.

Bullying: caminhos para o combate. [e-book]./ Organizadores: Raquel Martins Fernandes, Vera Lúcia Guimarães de Souza, Rodrigo Ribeiro de Oliveira, Paulo Alves de Oliveira. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital , 2021. 128 p. (vol. 2). https://f3286f62-e14d-4952-ad27-eac5c2feb473.usrfiles.com/ugd/f3286f_2dc5c76d209241ff9ce207ca37385a58.pdf

Dissertações sobre o fenômeno bullying do GPHSC - IFMT

Autor:	Título da dissertação:	Ano da defesa:	Link de acesso:	Citação:
Paulo Alves de Oliveira	A mulher e o ensino-aprendizagem agropecuário: Violência e <i>bullying</i> nas vivências e cotidianidades escolares.	2018	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2016/	OLIVEIRA, Paulo Alves de. A Mulher e o ensino aprendizagem agropecuário: violência e bullying nas vivências e cotidianidades escolares. Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC. Paulo Alves de Oliveira– Cuiabá/ MT, 2018/ Departamento de Pós-Graduação Xi. f.; cm. 100 p.
Vanessa Costa Gonçalves Silva	Violência escolar, <i>bullying</i> e violação de direitos humanos no cotidiano escolar	2019	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2017/	SILVA, Vanessa Costa Gonçalves. Violência escolar, bullying e violação de direitos humanos no cotidiano escolar . Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Vanessa Costa Gonçalves Silva. Cuiabá/MT, 2019. 112f.
Jair Aniceto de Souza	<i>Bullying</i> , racismo e identidade no contexto escolar dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFMT	2019	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2017/	SOUZA, Jair Aniceto de Bullying, racismo e identidade no contexto escolar dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFMT . Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Jair Aniceto de Souza – Cuiabá/MT, 2019. 242 f.
Gilson Pequeno da Silva	Corporeidade, sexualidade e <i>bullying</i> no ensino de Ciências Naturais	2020	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2018/	SILVA, Gilson, Pequeno da. Corporeidade, Sexualidade e Bullying no Ensino de Ciências Naturais . Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Gilson Pequeno da Silva. _ Cuiabá/MT, 2020. 104f.

Isabel Cristina Silva	Inclusão social escolar de estudantes Chiquitanos no IFMT Campus Pontes e Lacerda/Fronteira Oeste	2020	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2018/	SILVA, Isabel Cristina. Inclusão social escolar de estudantes Chiquitanos no IFMT Campus Pontes e Lacerda/Fronteira Oeste -Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC. / Isabel Cristina Silva. Cuiabá/MT, 2020. 145 pf.
Silbene Rosa Paoliello	Violação dos direitos humanos e <i>bullying</i> no ensino médio	2020	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2019/	PAOLIELLO, Silbene Rosa. Violação dos direitos humanos e bullying no ensino médio – Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC. Silbene Rosa Paoliello. Cuiabá/MT, 2020. 90 f: il color.
Carla Silbene Oliveira de Paula Schneiders	Filosofia clínica e <i>bullying</i> : Intervenção no ensino médio	2020	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2019/	SCHNEIDERS, Carla Silbene Oliveira de Paula. Filosofia Clínica e Bullying : Intervenção no Ensino Médio. Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Carla Silbene Oliveira de paula Schneiders – Cuiabá – MT, 2020. 103 f
Leyze Grecco	Prevenção e combate ao <i>bullying</i> no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil	2020	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2019/	GRECCO, Leyze. Prevenção e Combate ao Bullying no Contexto Escolar com Ações de Protagonismo Juvenil . Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Leyze Grecco – Cuiabá/MT, 2020. 98 f.: il. color.
Bruna Pinheiro dos Santos Lopes do Rosário	Protagonismo Jovem: Criação e gestão de conteúdo do aplicativo viva feliz: <i>Bullying</i> não	2021	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2020/	ROSÁRIO, Bruna Pinheiro dos Santos Lopes do. Protagonismo Jovem : Criação e gestão de conteúdo do aplicativo Viva Feliz: <i>Bullying</i> não. Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Bruna Pinheiro dos Santos Lopes do Rosário – Cuiabá/MT, 2021. 117 f: if. Color.
Karine de Souza Santos	Competências Socioemocionais dos educadores na pandemia do SARS-COV-2: Uma análise de vídeos no youtube	2021	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2020/	SANTOS, Karine de Souza, Competências Socioemocionais dos educadores na pandemia do SARS-COV-2 : Uma análise de vídeos no youtube- Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Karine de Souza Santos Cuiabá/MT, 2021. 100 f
Carla Cristina Rodrigues Santos	<i>Bullying</i> no contexto escolar: Uma análise diagnóstica nas escolas da rede estadual e municipal de Mato Grosso	2021	https://ppgen.cba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/discentes-2020/	SANTOS, Carla Cristina Rodrigues. Bullying no contexto escolar : uma análise diagnóstica nas redes estaduais e municipais de Mato Grosso. Dissertação de Mestrado PPGEn-IFMT/UNIC / Carla Cristina Rodrigues Santos – Cuiabá/MT, 2021.131 f.. : il. color.

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES

CARLA SILBENE OLIVEIRA DE PAULA SCHNEIDERS - Mestra em Ensino pelo do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso (IFMT). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2006). Com especialização em Filosofia Clínica pelo InstitutoPacker. Servidora Docente da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso - Professora Efetiva de Filosofia.

DEGMAR FRANCISCA DOS ANJOS - Possui doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (2012), mestrado em Estudos de Linguagem, com pesquisa em Psicanálise e construção de identidades, pela Universidade Federal de Mato Grosso (2007) e graduação em Letras Português e Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2000). Atualmente é Docente Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, atuando em Colaboração Técnica com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná.

LEYZE GRECCO - Mestra em Ensino de Ciência e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso - IFMT (2021). Graduada em FÍSICA pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002). Especialização em Modelagem Matemática com ênfase na saúde pública pela Universidade Federal de Mato Grosso com parceria UNICAMP. Tutora, professora Pesquisadora Nivel I e II e produção de material didático - pela Universidade Aberta do Brasil/IFMT. Professora Universitária dos cursos de Radiologia e Engenharia pela Universidade de Cuiabá_ Unic. Coordenadora de Projetos Educacionais e credenciamento de Instituição de Ensino pelo MEC. Atividade Atual: Professora Efetiva da rede Municipal de Várzea Grande/MT e da rede Estadual de Mato Grosso em Cuiabá. Conselheira do Conselho Municipal de Educação de Várzea Grande/MT.

MARIA GENI PEREIRA BILIO - Mestrado em Ensino pela Universidade de Cuiabá-UNIC na área de concentração: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Escolar. Experiência (2018), sob a orientação da Prof. Dra. Maria das Graças Campos em Educação/Alfabetização e Ensino Fundamental, em Tutoria na área de presencial e tutoria em cursos de Pedagogia e Gestão Ambiental, além de experiência na Gestão Escolar na unidade escolar onde atua como docente. Foi bolsista no ano 2019 pela PROSUP/CAPES e participa do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Integrada Cândido Rondon e em Geografia Licenciatura e Bacharelado pela UFMT. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, em Tecnologias em Educação a Distância e em Mídias na Educação. Atividade atual: Docente efetiva da Prefeitura Municipal de Várzea Grande-MT, onde coordenou o Projeto Mais Educação e participa dos trabalhos de apoio pedagógico.

PAULO ALVES DE OLIVEIRA - Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (2012). Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Cidade de São Paulo (2022). Mestrado em Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT, Brasil e Universidade de Cuiabá, Unic, Basil, (2018). Atualmente é Técnico Administrativo da Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT, Brasil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino-aprendizagem, vulnerabilidade sociais, direitos humanos e mídias sociais. <http://lattes.cnpq.br/0770327171652503>

RAMON MARTINS FERNANDES - Licenciado em Geografia pela universidade federal de Mato Grosso (UFMT), bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT. <https://orcid.org/0000-0003-0725-943X>. <http://lattes.cnpq.br/2035561372151115>

RAQUEL MARTINS FERNANDES - Pós-doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (2019), possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), mestrado (2003) e doutorado (2012) em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, campus Cuiabá Bela Vista e atualmente está em cooperação técnica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense. <http://lattes.cnpq.br/5856525232992306>

RODRIGO RIBEIRO DE OLIVEIRA - Doutor em Engenharia de Produção (2012) pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo é Professor no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.

SUELI SOARES DOS SANTOS BATISTA - Realiza pós-doutorado na Escola de Comunicação de Artes (ECA-USP) estudando as relações entre juventudes, cultura e educação. Realizou pós-doutorado no Depto. de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp (2012). Possui mestrado (1997) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2002). É graduada em História pela USP (1992) e Filosofia pela Unicamp (2007). Atualmente é professora e pesquisadora do Mestrado Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Coordena o Núcleo de Estudos em Tecnologia e Sociedade (NETS-Fatec Jundiaí) e o Grupo de Fundamentos da Educação Profissional e Tecnológica vinculado à pós-graduação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação profissional e tecnológica, cultura e educação; teoria crítica; filosofia da educação, indústria cultural, arte e sociedade. É professora da Fatec São Paulo e da Fatec Tatuapé nas disciplinas ligadas à formação do

tecnólogo em Design e em Gestão do Turismo.

SILBENE ROSA PAOLIELLO - Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Instituto Federal de Mato Grosso, Pesquisadora cadastrada na Plataforma Brasil e participante do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT. Graduação em Letras - Inglês pelo Centro Universitário de Várzea Grande (2005). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. Trabalhou como Coordenadora de Bilinguismo, Coordenadora de Projetos, Coach Pedagógica, Palestrante Educacional e Formadora EAD.

VANESSA COSTA GONÇALVES SILVA - Doutoranda em Educação pelo PPGedu na Universidade Federal da Grande Dourados UFGD. Mestre em Ensino pelo do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso (IFMT). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999). Com especialização em Educação a Distância pelo SENAC - MT. Servidora do Instituto Federal de Mato Grosso - Técnica Administrativa. <http://lattes.cnpq.br/7046686448958045>

VERALUCIA GUIMARAES DE SOUZA - Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (1990). Mestre em Linguística pela UFMT e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB. Atualmente é professora do IFMT - Campus Cuiabá Bela Vista. Tem experiência docente na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas e Leitura e Produção de Textos.

WASHINGTON DA SILVA CARVALHO - Possui mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (2021), especialização em Gestão de Políticas Públicas com ênfase em Gênero e Relações Etnorraciais pela Universidade Federal de Ouro Preto (2014) e licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011). Atualmente é Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, onde exerce suas funções na Pró-Reitoria de Extensão.



Atena
Editora
Ano 2022



**INSTITUTO
FEDERAL**
Mato Grosso



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
GPHSC
GRUPO DE PESQUISA EM
HUMANIDADES E SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

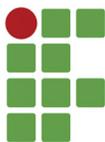
FAPEMAT
FUNDAÇÃO DE AMPARO
À PESQUISA DO ESTADO
DE MATO GROSSO



GOVERNO DE
**MATO
GROSSO**



Atena
Editora
Ano 2022



**INSTITUTO
FEDERAL**
Mato Grosso



FAPEMAT
FUNDAÇÃO DE AMPARO
À PESQUISA DO ESTADO
DE MATO GROSSO



**GOVERNO DE
MATO
GROSSO**